

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Vitória Tiggemann Bolten

**REPRESENTAÇÕES DO FEMININO: A LITERATURA INFANTIL DE GUERRA
AOS ESTEREÓTIPOS DE PRINCESAS OCIDENTAIS CLÁSSICAS**

Porto Alegre

1º Semestre

2019

Vitória Tiggemann Bolten

**REPRESENTAÇÕES DO FEMININO: A LITERATURA INFANTIL DE GUERRA
AOS ESTEREÓTIPOS DE PRINCESAS OCIDENTAIS CLÁSSICAS**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Camini

Porto Alegre

1º Semestre

2019

Vitória Tiggemann Bolten

**Representações do feminino: a literatura infantil de guerra aos estereótipos de
princesas ocidentais clássicas**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em 7 de junho de 2019.

Profª. Dra. Patrícia Camini – FACED/UFRGS (Orientadora)
Doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2015)
Porto Alegre, Brasil

Profª. Drª. Regina Maria Duarte Scherer – PUCRS
Doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2015)
Porto Alegre, Brasil

Prof. Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho – FACED/UFRGS
Doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011)
Porto Alegre, Brasil

RESUMO

Neste trabalho analisou-se a coleção "A revolução das princesas", cujos livros foram produzidos pela *Plan International Brasil* e em 2018. O material é composto por quatro livros – “A revolução da Ariel”, “A revolução da Rapunzel”, “A revolução da Aurora” e “A revolução da Cinderela”. O objetivo da pesquisa é analisar as representações do feminino que emergem na literatura contemporânea direcionada a crianças, questionando representações estereotipadas de princesas ocidentais clássicas. Para esse fim, o problema de pesquisa foi resumido da seguinte forma: como se constituem representações do feminino na coleção de livros de literatura infantil "A revolução das princesas"? A partir desse problema, intentou-se saber como cada uma das princesas é representada em posição "revolucionária", como anuncia o título da coleção. A partir dessas obras, são discutidas continuidades e descontinuidades em relação às representações de personagens femininas detectadas entre os contos de fadas clássicos originais e as releituras contemporâneas dessa coleção. Metodologicamente, a pesquisa operou uma análise cultural (MORAES, 2016), a partir da articulação entre contribuições teóricas dos campos dos estudos culturais em educação e dos estudos feministas. Acionam-se conceitos como cultura e representação (HALL, 1997), pedagogias culturais (ELLSWORTH, 2005; ANDRADE, 2016), discurso (FOUCAULT, 2007) e gênero (LOURO, 1995; 1997; 2001; 2004; 2009). Os resultados foram organizados em três unidades analíticas, as quais apontaram que as princesas nos quatro livros da coleção são representadas de três formas que rompem com a representação das princesas clássicas: 1) elas são corajosas e fortes; 2) elas salvam os príncipes; e 3) elas são livres para amar sem casar ao final da história. Portanto, essas seriam as três principais operações discursivas que configuram a coleção como um artefato com uma finalidade explícita de constituir-se como uma pedagogia cultural para educar meninas para a igualdade de gêneros, tirando o feminino da representação usual de subserviência à representação do masculino.

Palavras-chave: Gênero. Representação. Contos de fadas. Estudos Culturais. Estudos Feministas.

BOLTEN, Vitória Tiggemann. **Representações do feminino:** a literatura infantil de guerra aos estereótipos de princesas ocidentais clássicas. Porto Alegre, 2019. 52 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Notícia: obras retiradas de escolas.....	10
Figura 2 - Capa do livro “Histórias de Ninar Para Garotas Rebeldes: 100 fábulas sobre mulheres extraordinárias”.....	12
Figura 3 - Capa do livro “As cientistas: 50 mulheres que mudaram o mundo”.....	12
Figura 4 - Capa do livro “Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil”.....	13
Figura 5 - Capa do livro “ABCDELAS”.....	13
Figura 6 - Capa do livro “A Princesa Sabichona”.....	14
Figura 7 - Capa do livro “A princesa que escolhia”.....	14
Figura 8 - Capa do livro “Até as princesas soltam pum”.....	14
Figura 9 - Capa do livro: Olivia não quer ser princesa.....	15
Figura 10 - Manuela D’Ávila no programa Roda Viva.....	31
Figura 11 - Notícia em portal da internet sobre as interrupções à fala de Manuela no programa Roda Viva, de 2018.....	32
Figura 12 - Pôster “We can do it!”.....	33
Figura 13 - Página do livro “A revolução da Ariel”: salvamento do príncipe.....	35
Figura 14 - Página do livro “A revolução da Cinderela”: Cinderela não desiste.....	36
Figura 15 - Página do livro “A revolução da Aurora”: fadas aconselham Aurora.....	37
Figura 16 - Página do livro “A revolução da Aurora”: princesa retoma a coragem.....	38
Figura 17 - HQ “Leiliane, super-heroína”.....	40
Figura 18 - Notícia: mulher salva mãe e filha de espancamento.....	41
Figura 19 - Página do livro “A revolução da Cinderela”: fada madrinha indica missão para Cinderela.....	42
Figura 20 - Página do livro “A revolução de Aurora”: Aurora salva o príncipe.....	43
Figura 21 - Página do livro “A revolução da Rapunzel”: príncipe preso no moinho ...	44
Figura 22 - Página do livro “A revolução da Ariel”: Ariel socorre homem na tempestade.....	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características das princesas nos contos de fadas originais	21
Quadro 2 – Características das princesas protagonistas da coleção "A revolução das princesas"	24
Quadro 3 – Correspondência entre livros da coleção "A revolução das princesas" e os contos de fadas clássicos.....	27
Quadro 4 – Resumo de cada obra da coleção "A revolução das princesas".....	28
Quadro 5 – Posições assumidas pelas princesas em cada um dos livros da coleção “A revolução das princesas”	30

SUMÁRIO

1 JANELA DA PESQUISA: OLHAR PANORÂMICO.....	7
1.1 UMA REDE DISCURSIVA A SER MAPEADA: O PROBLEMA DE PESQUISA E SEU CONTEXTO DE PRODUÇÃO	11
2 BASE TEÓRICA DA PESQUISA.....	16
2.1 CAMPO TEÓRICO I: ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO	16
2.2 CAMPO TEÓRICO II: ESTUDOS FEMINISTAS.....	17
2.3 PRINCESAS DE CONTOS OCIDENTAIS CLÁSSICOS: A PRODUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO	19
3 PERCURSO METODOLÓGICO.....	23
3.1 ESCOLHENDO FERRAMENTAS METODOLÓGICAS: A ANÁLISE CULTURAL.....	23
3.2 MATERIAL EMPÍRICO.....	25
4 RASTREANDO UMA PEDAGOGIA CULTURAL: COMO AS PRINCESAS FAZEM REVOLUÇÃO?	30
4.1 SER CORAJOSA E FORTE.....	31
4.2 SALVAR O PRÍNCIPE.....	39
4.3 AMAR SEM SER OBRIGADA A CASAR.....	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS.....	50

1 JANELA DA PESQUISA: OLHAR PANORÂMICO

“Embora na aparência eu seja uma menina, uma pessoa com 1,57 metro de altura, contando com os saltos altos, eu não sou uma voz solitária, eu sou muitas. [...] Eu sou aquelas 66 milhões de meninas que estão fora da escola”, disse a paquistanesa Malala Yousafzai, em 2014, ao receber o Prêmio Nobel da Paz. Quando tinha apenas quinze anos, em outubro de 2012, a menina foi baleada na cabeça dentro de um ônibus escolar, ao retornar para casa. O crime foi praticado pelo Talibã, um grupo contrário à educação feminina, que ganhava força política no Paquistão.

Na região onde Malala nasceu, o Vale do Swat, o conservadorismo em relação às mulheres é intenso. Apenas uma pequena porcentagem das meninas frequenta a escola. Isso porque a cultura local impõe que as mulheres sejam educadas para estar em casa, cozinhando e cuidando de filhos. Quando o Talibã determinou que as aulas para meninas fossem interrompidas, Malala e sua família se opuseram e ganharam visibilidade da mídia quando a jovem concedeu entrevistas à uma rede local de televisão. Malala também criou um *blog*¹ para compartilhar as dificuldades enfrentadas pelas meninas no acesso à educação no país.

As manifestações de Malala contra a proibição dos estudos para as mulheres e as condições impostas a elas a tornaram um alvo do conservadorismo. Além de sobreviver ao ataque, a jovem foi aclamada pela mídia internacional, conquistou notoriedade e tornou-se sinônimo de luta a favor da igualdade de gênero. Realizou pronunciamento na Organização das Nações Unidas (ONU) e tornou-se, aos dezessete anos, a mais jovem ganhadora de um prêmio Nobel, tendo sua história contada em documentários, biografias, livros infantis e infanto-juvenis.

Malala sofreu uma tentativa de assassinato por não aceitar a desigualdade de gênero construída há longos anos em sua comunidade, a qual priva mulheres do acesso à escola. Ela foi contrária às expectativas criadas sobre o papel das mulheres na sociedade. Nesse sentido, soma-se à Malala a voz da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adiche (2014, p. 36-37), baluarte do feminismo nesse início do século XXI: “Seríamos bem mais felizes, mais livres

¹ Em tradução livre, o *blog* é intitulado "Diário de uma estudante paquistanesa". Foi através do *blog* que Malala foi descoberta pela rede de notícias britânica BBC e, a partir dessa projeção, ficou conhecida internacionalmente.

para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas de gênero”. A autora nigeriana ressalta essa suposição tendo em vista que estamos inseridos em práticas em constante mutação e que nos constituem como sujeitos. Ser homem e ser mulher carregam expectativas; porém, especialmente as expectativas relacionadas a ser mulher, a pertencer ao gênero feminino estão sendo contestadas por diferentes maquinarias sociais².

Através de discursos que circulam nas mídias e nas famílias, por exemplo, ensinamos as crianças o que são considerados papéis sociais femininos. Esses papéis, muitas vezes, são estereótipos de gênero que vêm sendo reforçados há longos anos. É importante destacar que sempre houve mulheres que não atenderam a essas expectativas, mulheres que lutaram contra as imposições sociais e batalharam por espaços e por direitos. Porém, apesar de muito já ter sido conquistado pelas mulheres, o feminino ainda é relacionado a certas imagens e atitudes consideradas mais adequadas do que outras, geralmente em posições de subalternidade em relação ao masculino.

Na contramão, países ocidentais cada vez mais produzem movimentos sociais que persistem na guerra contra os estereótipos do gênero feminino. A literatura é uma das formas mais comuns de resistência das mulheres às expectativas e aos estereótipos. Através dela, as mulheres lutam por seus espaços, protagonizam discussões e defendem a igualdade de gênero. Ainda, a literatura voltada para crianças também tem sido acionada nessa maquinaria para educar uma nova geração mais sensível à igualdade de gênero.

Com este trabalho, que conclui a minha graduação em Pedagogia, pretendo aprofundar meus estudos em torno da literatura infantil contemporânea que aborda questões de gênero e, mais especificamente, em torno de livros que apresentam contos de fadas e questionam o papel das mulheres socialmente. Essa é uma área que mostrou-se relevante para mim desde o início da graduação. Logo nos primeiros semestres, interessei-me pela literatura infantil e pela temática de gênero, pesquisando livros para crianças que abordassem essa questão. Assim, entrei em contato com contos de fadas contemporâneos que discutem representações do feminino e, principalmente, de princesas.

Durante o estágio curricular obrigatório do curso de Pedagogia³, que realizei na Educação Infantil, tive a oportunidade de apresentar esses livros para crianças de uma escola

² Uso o conceito de maquinaria inspirada no trabalho de Varela & Álvarez-Uría (1992), compreendendo que os discursos reconhecidos como feministas atualmente vêm constituindo um novo estatuto sobre ser mulher, questionando práticas, constituindo corpo de especialistas e passando em revisão modos de ocupar espaço, de narrar-se mulher, de comportar-se em relação aos homens, entre outras práticas.

³ O estágio foi realizado sob orientação do Prof. Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho.

municipal de Porto Alegre. Ao longo de um semestre desenvolvendo a temática de gênero, percebi que a literatura infantil foi um instrumento facilitador para o trabalho, promovendo o acesso a debates essenciais e relevantes à infância de forma lúdica e convidativa. A partir do desenvolvimento do estágio, consolidei meu interesse em realizar o trabalho de conclusão de curso em torno da literatura infantil e de obras que apresentam contos de fadas com personagens e contextos que questionam os estereótipos do gênero feminino.

Como produto cultural, a literatura infantil torna visível uma arena de luta pelas representações sociais, como, no caso que interessa a este trabalho, do que é próprio ou não do feminino. Analisando o que é produzido nessa área, podem ser percebidas relações de poder que constituem discursos de uma época (FOUCAULT, 2007). Esses discursos produzem representações mais ou menos constantes, as quais dão origem a estereótipos. Para Duschatzky e Skliar (2000, p. 164), os estereótipos “nos convertem em aliados de certos discursos e práticas culturais”. Dessa maneira, são construídos socialmente determinados contextos em que a “visibilidade e invisibilidade constituem mecanismos de produção da alteridade e atuam simultaneamente com o nomear e/ou deixar de nomear” (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2000, p. 165).

É sobre a problemática dos estereótipos que convocam mulheres há muito tempo a assumirem um papel à margem do protagonismo dos homens que aproximo meu olhar neste trabalho. Os contos de fadas clássicos, como *Cinderela*, *Rapunzel*, *A Bela Adormecida*, *Chapeuzinho Vermelho* e *A Pequena Sereia* têm passado em revista nesse cenário político. No final de 2018, por exemplo, uma escola em Barcelona, na Espanha, removeu cerca de 200 livros de literatura infantil de seu acervo, pois promoveriam o sexismo (fig. 1). Entre eles, estavam os contos de *Chapeuzinho Vermelho* e *A Bela Adormecida*, considerados pela comissão que fez a revisão da biblioteca da escola como reprodutora de estereótipos de gênero, ao reforçar figuras femininas frágeis e figuras masculinas violentas. Essa discussão ao redor da literatura voltada para as crianças está sendo ampliada para outras escolas espanholas, que afirmaram a intenção de realizar o mesmo movimento de revisão de conteúdos literários.



Figura 1 – Notícia: obras retiradas de escolas. Fonte: <https://www.publico.pt/2019/04/12/sociedade/noticia/capuchinho-vermelho-200-obras-retiradas-escola-espanhola-serem-sexistas-1869061>

Para que seja possível perceber a reprodução de estereótipos, é preciso que atentemos a repetições de certos discursos que, para Duschatzky e Skliar (2000), são previsíveis, já foram tomados como verdades e que, simultaneamente, estão sendo reforçados e expostos a todo instante, inclusive em contextos históricos e sociais distintos. No caso da investigação de gênero, é explicitada a regulação das representações, a partir das tensões sociais, como válidas e inválidas. Os estereótipos de gênero realizam um movimento discursivo que “proíbe formas híbridas de identidade, desautoriza a mudança, nega a usurpação do lugar que corresponde à normalidade” (DUSCHATZKY E SKLIAR, 2000, p. 166).

Nesse contexto, este trabalho de pesquisa dá visibilidade a uma coleção de livros de literatura infantil que se propõe a passar em revista os estereótipos de gênero feminino em contos de fadas. Analisou-se a coleção "A revolução das princesas", cujos livros foram produzidos pela *Plan International Brasil* e publicados em 2018. Nesse material, composto por quatro livros – “A revolução da Ariel”, “A revolução da Rapunzel”, “A revolução da Aurora” e “A revolução da Cinderela”⁴ –, são investigadas as representações que constituem as mulheres como protagonistas das histórias: as princesas. Também são discutidas continuidades e discontinuidades em relação às representações de personagens femininas detectadas entre os contos clássicos originais e as releituras contemporâneas dessa coleção. Nessa direção, o que move meu olhar é saber como cada uma das princesas é representada em posição "revolucionária", como anuncia o título da coleção.

A pergunta que gera a pesquisa é: **como se constituem representações do feminino na coleção de livros de literatura infantil "A revolução das princesas"?** Para responder a esse questionamento, o objetivo do presente trabalho é analisar as representações do

⁴ A coleção será apresentada ao leitor no capítulo 3, seção intitulada Material empírico.

feminino que emergem na literatura contemporânea direcionada a crianças, questionando representações estereotipadas de princesas ocidentais clássicas.

Metodologicamente, o trabalho se caracteriza como uma pesquisa de abordagem qualitativa, no âmbito da análise cultural. Os livros infantis da coleção "A revolução das princesas" terão seus conteúdos escritos e imagéticos analisados, a fim de compreender os mecanismos discursivos pelos quais as protagonistas das obras desviam do padrão estereotipado previamente estabelecido.

1.1 UMA REDE DISCURSIVA A SER MAPEADA: O PROBLEMA DE PESQUISA E SEU CONTEXTO DE PRODUÇÃO

Perguntar-se como se constituem representações do feminino na coleção de livros de literatura infantil "A revolução das princesas" faz sentido em um momento histórico em que há uma profusão de artefatos culturais passando em revista as posições sociais ocupadas pelas mulheres. No sentido de representar mulheres que não reproduzam estereótipos de aparência e de comportamento, a indústria literária tem explorado cada vez mais a produção de obras voltadas para o público infantil e infanto-juvenil. Há uma nítida crescente de livros que pretendem ampliar o repertório de representações que dão outros significados ao feminino socialmente. Assim, uma das constantes desse movimento é o desenvolvimento de publicações que valorizam mulheres inspiradoras e reais, históricas e contemporâneas, e pretendem, como aponta Keniger (2018, p. 7), "[...] chamar atenção para a falta de reconhecimento de modelos femininos de sucesso que contribuíram das mais diversas formas tanto para provocar mudanças em seus contextos específicos, quanto para estremecer e relativizar valores mundialmente e desde muito tempo estabelecidos".

Essa tendência de obras que têm a intenção de representar mulheres reais e não estereotipadas vêm principalmente de países europeus, como Itália e Inglaterra. Nesse conjunto de obras é possível citar: "Histórias de ninar para garotas rebeldes: 100 fábulas sobre mulheres extraordinárias" (fig. 2), de Elena Favilli; "As cientistas: 50 mulheres que mudaram o mundo" (fig. 3), de Rachel Ignotofsky; e "Grandes mulheres que mudaram o mundo", de Kate Pankhurst. Alguns dos livros produzidos no Brasil que seguem essa linha são: "Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil" (fig. 4), de Duda Porto de

Souza e Aryane Cararo; "50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer", de Débora Thomé; e "ABCDELAS" (fig. 5), de Janaina Tokitaka.

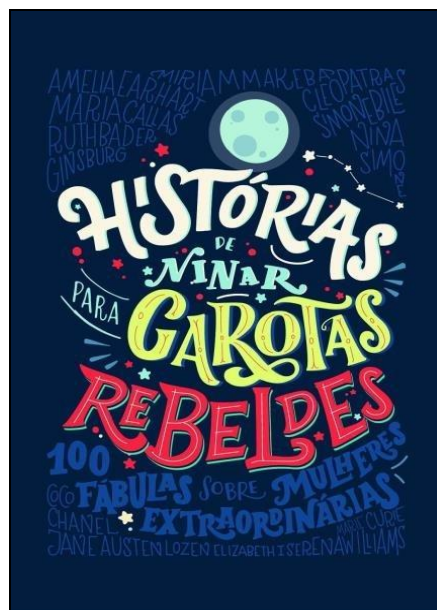


Figura 2 – Capa do livro “Histórias de Ninar Para Garotas Rebeldes: 100 fábulas sobre mulheres extraordinárias”. Fonte: V & R Editoras

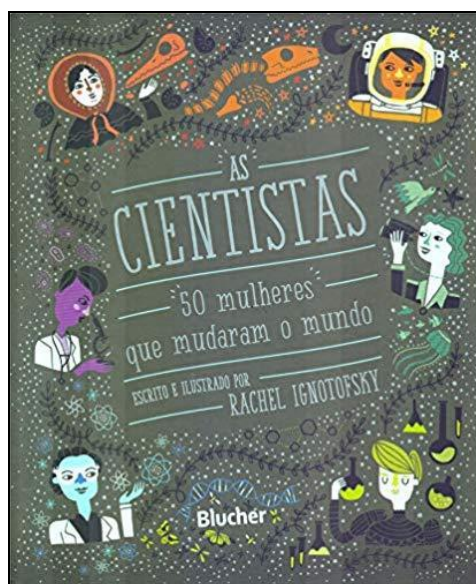


Figura 3 – Capa do livro “As cientistas: 50 mulheres que mudaram o mundo”. Fonte: editora Blucher.



Figura 4 – Capa do livro “Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil”. Fonte: editora Seguinte

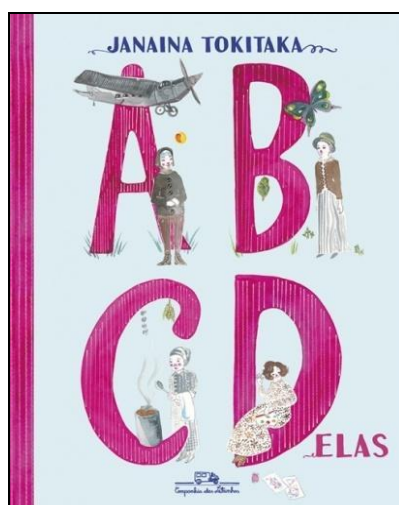


Figura 5 – Capa do livro “ABCDELAS”. Fonte: editora Companhia das Letrinhas.

Outra constante é a publicação de livros nacionais e internacionais de literatura infantil abordando especificamente a temática das princesas, no sentido de criar contextos e personagens que tenham intenção de deslocar representações e questionar estereótipos. Com essas características, é possível apontar diversas publicações, como "A princesa sabichona" (fig. 06), da autora Babette Cole; "A princesa que escolhia" (fig. 07), por Ana Maria Machado; "Uma princesa nada boba", por Luiz Antonio; "Até as princesas soltam pum" (fig. 08), por Ilan Brenman; "Olívia não quer ser princesa" (fig. 09), por Iam Falconer; "A Cinderela mudou de ideia", por Myriam Cameros; e "A Princesa e a Costureira", por Janaína Leslão.



Figura 06 – Capa do livro “A Princesa Sabichona”. Fonte: editora Martins Fontes.

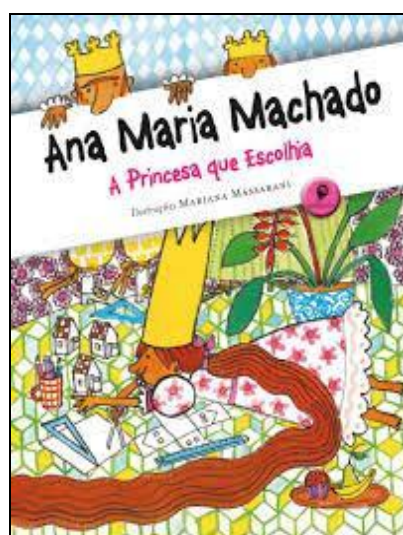


Figura 07 – Capa do livro “A princesa que escolhia”. Fonte: editora Nova Fronteira/Alfaguara.

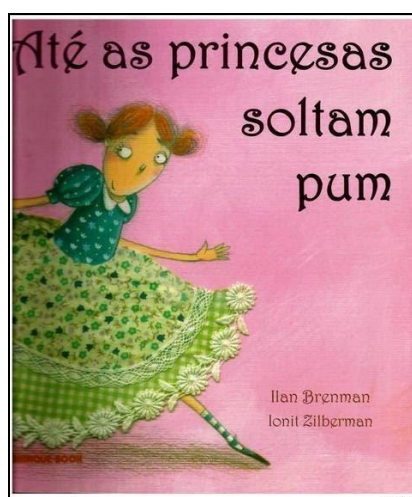


Figura 08 – Capa do livro “Até as princesas soltam pum”. Fonte: editora Brinquê-Book

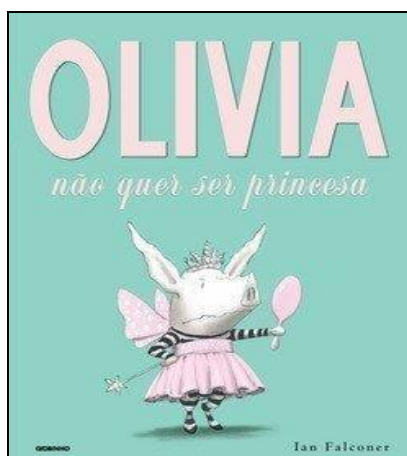


Figura 09 – Capa do livro: Olivia não quer ser princesa. Fonte: editora Globinho.

Tendo em vista essa rede discursiva na produção literária, destaca-se o contínuo movimento de deslocamento de discursos sobre o gênero feminino e, mais especificamente, sobre as figuras das princesas. A escolha da coleção "A revolução das princesas" como material empírico se deu por seus livros serem uma superfície de visibilidade desses deslocamentos, produzindo discursos com a intenção de combater diversos estereótipos de gênero presentes nos contos de fadas originais e que ainda se fazem frequentes atualmente.

Para esse fim, o trabalho está organizado, em cinco capítulos: neste primeiro, intitulado "Janela da pesquisa: olhar panorâmico", apresentei um panorama do problema de pesquisa e sua relação com os contextos culturais contemporâneos; no segundo, "Base teórica da pesquisa", apresento o referencial teórico utilizado para compreender as relações discursivas da literatura infantil no âmbito dos estudos culturais em educação e dos estudos feministas; no terceiro, denominado "Percurso metodológico", desenvolvo a metodologia, baseada na análise cultural, e esmiúço o material empírico; no quarto, "Rastreado uma pedagogia cultural: como as princesas fazem a revolução?", analiso em três seções quais os mecanismos discursivos que a coleção "A revolução das princesas" usa para que as representações do feminino desvinculem-se dos estereótipos de gênero estabelecidos pelas princesas ocidentais clássicas; no quinto e último, apresento as considerações finais sobre a pesquisa realizada.

2 BASE TEÓRICA DA PESQUISA

Este capítulo apresenta a articulação teórica realizada entre a temática da pesquisa e os campos de estudos culturais em educação e os estudos feministas. Na primeira seção, apresento o campo dos estudos culturais em educação, dialogando com autores como Stuart Hall (1997) e Michel Foucault (2007); na segunda, apresento o campo dos estudos feministas, apoiada principalmente nos estudos de Guacira Lopes Louro (1995; 1997; 2001; 2004; 2009); e na terceira e última, discorro a respeito de estereótipos de gênero e suas produções nos contextos dos contos de fadas clássicos.

2.1 CAMPO TEÓRICO I: ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO

O campo dos estudos culturais em educação tem como temática central o papel da cultura na constituição social de identidades individuais e coletivas. Nesse sentido, de acordo com Hall (1997, p. 44), é preciso observar “a expansão substantiva da cultura - sua crescente centralidade nos processos globais de formação e mudança, sua penetração na vida cotidiana e seu papel constitutivo e localizado na formação de identidades e subjetividades”.

Essas subjetividades são produzidas dentro da dimensão cultural, a partir de representações constituídas pelos discursos. Nesse sentido, os discursos estão sempre convocando os sujeitos a assumir determinadas posições. Portanto, a análise discursiva é importante ferramenta quando se compreende que a linguagem define significados históricos constantemente contestados pelos grupos sociais e também produz silenciamentos (FOUCAULT, 2007).

Assim sendo: "O significado surge não das coisas em si – a 'realidade' –, mas a partir dos jogos da linguagem e dos sistemas de classificação nos quais as coisas são inseridas. O que consideramos fatos naturais são, portanto, também fenômenos discursivos" (HALL, 1997, p. 29). Ou seja: os significados produzidos pela linguagem, além de não serem naturais, não são fixos ou estáveis. Eles são socialmente fabricados e estão em incessante mutação e negociação.

Foucault (2007) aponta que, à medida que os discursos produzem sentidos e práticas, eles são hierarquizados. Conforme essa hierarquia, determinadas representações tendem a se

naturalizar, criando verdades com peso hegemônico. Essas representações constituem currículos culturais. Conforme Sabat (2011, p. 19), “o currículo cultural envolve um conhecimento organizado em torno de relações de poder, de regulação e controle”.

Assim, considerando as relações de poder que se estabelecem na sociedade, identidades e diferenças estão em contínua ressignificação, gerando, constantemente, inclusões e exclusões. Ferreira e Traversini (2013, p. 210) ainda salientam que os discursos

[...] disseminam-se pelo tecido social, infiltram-se nas fábricas, nas escolas, nos lares, nos programas televisivos, nas conversas cotidianas, nas universidades, nas academias de ginástica, nos hospícios, nas prisões, nos jogos de videogame, nas marcas e nas campanhas publicitárias, nas páginas dos jornais, sem limitar-se a nenhuma dessas maquinarias. Com suas regras internas e externas, os discursos organizam e ordenam os sentidos por onde passam.

Quando acionamos a linguagem, portanto, acionamos discursos que operam por inclusão e exclusão. Como explica Sabat (2001), os discursos podem constituir currículos culturais, determinando relações, comportamentos, comunicações, que produzem e reproduzem as características sociais.

O campo dos estudos culturais em educação está diretamente relacionado com a temática deste trabalho, considerando que o objetivo consiste em analisar determinadas as representações presentes em artefatos culturais - os livros de literatura infantil⁵. Através das diversas representações geradas pelos discursos, a literatura infantil cria e afirma currículos culturais, produzindo comportamentos sociais individuais e coletivos. Neste trabalho, é analisada a constituição de representações do feminino na coleção de livros “A revolução das princesas”. Portanto, as representações investigadas são as de gênero. Louro (1997) aponta que o gênero é fator privilegiado na constituição de subjetividades. Percebendo esse contexto que a literatura infantil e subjetividades de gênero, optei pela articulação do campo dos estudos culturais em educação ao campo dos estudos feministas.

2.2 CAMPO TEÓRICO II: ESTUDOS FEMINISTAS

O campo dos estudos feministas dá enfoque às relações de poder que permeiam os gêneros. Esses estudos pretendem debater as diferenças e desigualdades geradas

⁵ A produtividade do campo dos estudos culturais em educação para análise da literatura infantil pode ser percebida, por exemplo, no extenso trabalho realizado pela pesquisadora Rosa Maria Hessel Silveira, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

historicamente, questionando padrões sociais e formas de representação que privilegiam posições masculinas, heterossexuais e brancas (LOURO, 2004). Assim, os estudos feministas discutem como são definidas e redefinidas uma série de concepções em torno dos gêneros, como “[...] gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e usualmente diversas) para mulheres e homens” (LOURO, 1997, p. 41).

O conceito de gênero refere-se à constante construção sociocultural das múltiplas formas do ser masculino e do ser feminino. Assim, o gênero é fator que constitui subjetividades plurais, múltiplas e que se transformam através das mais diversas práticas sociais. Louro (1995, p. 103) aponta que, ao pensarmos na concepção de gênero, devemos considerar

[...] não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são "generificadas", ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a idéia de formação, socialização ou educação dos sujeitos.

Nesses processos de socialização dos gêneros, incessantemente são elaboradas relações que se constituem a partir de tensionamentos, negociações e concessões. Conforme Louro (2001, p. 09): "Tudo isso implica a instituição de desigualdades, de ordenamentos, de hierarquias, e está, sem dúvida, estreitamente imbricado com as redes de poder que circulam numa sociedade”.

A mesma autora, em outro estudo, salienta que “nesse embate cultural, torna-se necessário observar os modos como se constrói e se reconstrói a posição da normalidade e a posição da diferença, e os significados que lhes são atribuídos” (LOURO, 2008, p. 17). Nessa direção, é possível compreender que ser mulher e ser homem são movimentos que ocorrem no âmbito da cultura e que sofrem influências do que é verdadeiro para cada época (FOUCAULT, 2007).

Como argumentado anteriormente, a literatura infantil é uma das arenas em que se produzem artefatos culturais em que emergem significados de masculinidades e feminilidades, ao passo em que representam corpo, gênero e sexualidade, por exemplo.

Nesse sentido, a coleção de livros de literatura infantil "A revolução das princesas" foi analisada neste trabalho de modo a perceber os modos de racionalização que estão surgindo na contemporaneidade para representar o gênero feminino de outros modos em enredos já conhecidos dos contos de fadas clássicos. Os estereótipos de gênero, portanto, são confrontados tanto pelos discursos feministas como pelas maquinarias que eles produzem, como a coleção escolhida para esta análise.

Nessa maquinaria de feminismos, a emergência dessa literatura infantil de guerra aos estereótipos representados pelas princesas já foi analisada por diferentes pesquisadoras: Zordan (2000), em "Princesas: produção de subjetividade feminina no imaginário de consumo"; Arguello (2005), em "Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil"; Vidal (2008), em "Príncipes, princesas, sapos, bruxas e fadas: os 'novos contos de fada' ensinando sobre relações de gênero e sexualidade na contemporaneidade"; e Pires (2009), em "Histórias de amor para sempre, histórias de amor para nunca mais: o amor romântico na literatura infantil".

Relacionando com a crescente da análise da literatura voltada para crianças como produtora de subjetividades, Vidal (2008, p. 46-47) reitera que:

Entender os livros literários infantis como artefatos que ensinam é percebê-los como artefatos culturais, e como tais, produzindo ideias e significados, transmitindo valores e crenças, subjetivando assim o imaginário infantil. Desse modo, tais livros, juntamente com outros artefatos da nossa cultura, também estão produzindo verdades sobre as relações culturais de gênero, de trabalho, de raça e etnia, bem como as relações familiares, as amorosas e as sentimentais, entre tantas outras que poderiam ser citadas.

Concordando com Vidal (2008), portanto, este trabalho recorre ao campo dos estudos feministas por compreender que a literatura infantil ensina crianças, entre outras coisas, modos de ser mulher há muito tempo pelo expediente da representação de princesas. Na seção seguinte, serão traçados caminhos para que seja possível perceber como as representações do feminino são articuladas nos contos de fadas clássicos, produzindo e reforçando estereótipos de gênero.

2.3 PRINCESAS DE CONTOS OCIDENTAIS CLÁSSICOS: A PRODUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Os contos de fadas costumam ser um dos primeiros gêneros textuais literários com o qual entramos em contato quando crianças. Essas histórias têm grande importância na constituição cultural e social de sujeitos de diversos contextos. Vidal (2008, p. 52) afirma que é preciso

[...] reconhecer tais histórias como um dos gêneros literários mais antigos, provenientes de narrativas da tradição oral. Suas histórias podem ser contadas e lidas de diferentes formas em diferentes contextos. Por todos os lugares, há o consumo de histórias, histórias para se ouvir e histórias para se contar, e significados para se criar - dando sentido a nós mesmos e ao mundo que nos cerca.

Desses contos tradicionais, quatro específicos interessam a esta pesquisa por serem as fontes originais das releituras apresentadas na coleção analisada. São eles: "Sol, Lua e Tália"⁶ e "Petrosinella"⁷, de Giambattista Basile [1634]; "Cinderela", de Charles Perrault [1697]; e "A pequena sereia", de Hans Cristian Andersen [1837].

Conforme Canton (1994, p. 11), contos como esses “são versões escritas - relativamente recentes, ao contrário do que se costuma pensar - de contos folclóricos de magia derivados de antigas tradições orais.” Esses contos folclóricos ganharam forma literária a partir do século XVII, na Europa, tendo como público alvo os adultos. Isso pois, nesse momento histórico, não havia uma cultura que percebesse a infância como fase específica da vida. Charles Perrault foi um dos pioneiros em desenvolvimento de uma literatura voltada para crianças com seu livro intitulado *Contos da Mamãe Gansa*, em 1697.

Os contextos da época em que os quatro contos em questão foram produzidos são diretamente refletidos nos conteúdos literários. Cabe ressaltar que Charles Perrault era francês; Hans Cristian Andersen, dinamarquês; e Giambattista Basile, italiano. Esses autores imprimiram características culturais próprias da burguesia européia da época a seus textos, urdidos em sociedades intensamente patriarcais, que conferiam às mulheres características de submissão aos homens.

Nos quatro contos de fadas referidos, as protagonistas são do gênero feminino. Analisando essas personagens, Zumaêta (2016, p. 18) evidencia que

Tratam-se de personagens passivas e pouco desenvolvidas, eternamente à espera de um príncipe encantado (ou outro homem em posição de poder) que as salve

⁶ Esse conto ficou conhecido como "A bela adormecida". Na versão de Basile, o nome da princesa é Tália. Já na versão de Tchaikovsky para ballet, a princesa recebeu o nome Aurora, que é o mesmo utilizado no livro da coleção "A revolução das princesas".

⁷ Esse conto é conhecido no Brasil pelo nome Rapunzel.

do perigo, e que pouco contribuíam para o desenrolar da trama – a história simplesmente acontecia a elas. Não por acaso, tais mulheres também representavam um ideal feminino, tanto com relação à estética quanto ao comportamento: além de serem um modelo de beleza, condizendo com o padrão estético vigente à época de produção ou publicação de cada história, suas atitudes e personalidades estavam dentro do que era considerado “adequado” para aquele período. Representavam, portanto, a mulher de uma época, enfatizando o seu lugar na trama, como deveriam ser conduzidas por esta e como deveriam se portar. Apesar de serem consideradas “protagonistas”, não parecia haver de fato o protagonismo feminino nos contos de fadas populares.

Tendo essas representações de mulheres em vista, elaborei um quadro comparativo de características das protagonistas de cada um dos contos de fadas em questão (quadro 1). Os dados foram coletados diretamente dos textos dos contos originais, destacando a partir de quais adjetivos as princesas foram descritas e quais os acontecimentos marcantes das histórias.

QUADRO 1 – Características das princesas nos contos de fadas originais

AURORA <i>Sol, Lua e Tália</i> - Basile [1634]	RAPUNZEL <i>Petrosinella</i> - Basile [1634]	CINDERELA <i>A Gata Borralheira</i> - Perrault [1697]	ARIEL <i>A Pequena Sereia</i> - Andersen [1837]
Beleza	Linda	Grande beleza	Humana mais bonita
Casa com o rei	Casa com o príncipe	Casa com o príncipe	-
Curiosa	-	-	Curiosa
-	O rosto mais doce	Doce	-
-	-	Dança com elegância	Dança graciosamente
-	-	-	Bela voz
-	-	Paciente	-
-	-	-	Morre por amor ao príncipe
-	-	Bondosa	-
Amizade e união com príncipe	-	-	-
-	Atenta	-	-

Fonte: Banco de dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Como é possível perceber no quadro, o padrão que mais se repete, apresentado nos quatro contos, faz referência à aparência física das personagens. Os textos destacam a beleza das protagonistas em diversos momentos, demonstrando a valorização dessa particularidade. Além disso, três das histórias culminam em casamento entre o príncipe ou rei e a princesa. A quarta também traz uma relação romântica, culminando na morte da princesa por amor e em prol da vida do príncipe. Nota-se, portanto, a supervalorização do amor romântico e do matrimônio nos contos, reflexo do contexto sociocultural da época.

Traços que aparecem em dois dos quatro contos são a curiosidade e a doçura como características das princesas, além da habilidade de dançar, que era entretenimento frequente nas cortes europeias da época. Outros adjetivos que são usados para representar as princesas são "paciente", "bondosa" e "atenta", porém esses aparecem em menor recorrência.

Dados esses contextos e discursos, as formas de representar as mulheres nessas obras retratam quais comportamentos femininos eram considerados socialmente adequados e corretos. Representações recorrentes, como as identificadas no quadro 1, construíram estereótipos ao longo do tempo. Segundo Duschatzky e Skliar (2000), discursos que se repetem constantemente reforçam a ideia de normalidade vinculada a eles. Nesse processo de caracterização das princesas, constroem-se imagens e personalidades que são tão recorrentes na narrativa e no contexto de produção dela, que tornam-se previsíveis e são comumente consideradas como verdade. Então, por exemplo, a característica da beleza das princesas configura um estereótipo no contexto de contos de fadas. Ao passo em que há um conjunto de qualidades que são valorizadas nas narrativas, essas histórias trazem representações estereotipadas de mulheres.

A beleza, o desejo pelo casamento, a doçura e outros traços podem ser definidos como discursos e representações estereotipadas do gênero feminino no âmbito dos contos de fadas clássicos "A pequena sereia", "Petrosinella", "Sol, Lua e Tália", e "Cinderela". No entanto, apesar de as circunstâncias de escrita dessas histórias não serem atuais, muitos dos estereótipos de gênero produzidos nesses contextos ainda são muito avalizados, para além da Europa, sendo considerados discursos verdadeiros e, portanto, de normalidade.

São esses estereótipos, brevemente mapeados nesta seção, que a coleção analisada pretendeu questionar. No capítulo seguinte, aponto como constituí a metodologia para analisar essa coleção.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo apresenta a metodologia constituída para esta pesquisa. Na primeira seção, apresento a metodologia de análise cultural, apoiada principalmente no trabalho de Moraes (2016); na segunda seção, apresento o material empírico da pesquisa.

3.1 ESCOLHENDO FERRAMENTAS METODOLÓGICAS: A ANÁLISE CULTURAL

Este trabalho recorreu à análise cultural como metodologia privilegiada para tornar visíveis os discursos que representam o feminino na coleção "A revolução das princesas". As análises culturais ressaltam os padrões de interpretações, de historicidade e de valores, tanto de um determinado contexto de produção cultural quanto do contexto em que se analisa essa produção. Assim, pode-se afirmar que as análises culturais evidenciam “as interpretações, as alternativas históricas e os específicos valores contemporâneos através dos quais são trazidos para o presente uma obra, o acervo ou a experiência dos sujeitos de determinado período, de dado lugar” (MORAES, 2016, p. 31).

Moraes (2016, p. 33) também afirma que as análises culturais devem incluir as relações entre as práticas, "buscando suas regularidades, isto é, os padrões que nelas se repetem e, também, o que representa rupturas desses padrões". Nesse sentido, as análises culturais produzidas no âmbito dos estudos culturais possuem liberdade para bricolagem de ferramentas, como apontam Nelson, Treichler e Grossberg (2009), de modo que seja possível expor os mecanismos de constituição das representações culturais.

Para Moraes (2016, p. 29), “a análise cultural é política, conjuntural e articula produção e consumo cultural” e ocorre partir do estudo de fatos socioculturais, como, no caso das análises propostas por este trabalho, a literatura infantil.

Para esta pesquisa, organizei a análise cultural partindo de leitura minuciosa dos quatro livros da coleção, listando todas as características com as quais são representadas as personagens femininas das princesas. Os adjetivos utilizados para caracterizá-las, assim como os acontecimentos principais da história, foram mapeados. As relações estabelecidas entre as protagonistas e as demais figuras presentes nas narrativas também foram destacadas, juntamente com as relações entre elas e seus contextos. Após essa captação inicial de traços discursivos, esses foram organizados em um quadro comparativo (quadro 2). Assim,

apresenta-se as particularidades percebidas em cada um dos contos, ordenadas das que ocorrem com mais frequência nas narrativas para as que ocorrem com menor frequência.

QUADRO 2 – Características das princesas protagonistas da coleção "A revolução das princesas"

ARIEL	AURORA	CINDERELA	RAPUNZEL
Salva um homem	Salva o príncipe	Salva o príncipe	Salva o príncipe
Amizade com o homem	Príncipe é o melhor amigo	Vive aventuras com o príncipe	Amizade entre reinos
Aventureira	Aventureira		Aventureira
	Persistente e determinada	Não desiste	Persistente
	Corajosa/ Valente	Corajosa	
Insatisfação com a ideia de casar para assumir o trono			Insatisfação com a ideia de aprender “boas maneiras” para assumir o trono
	Força física		Corpo forte saudável e bonito
Deseja liberdade			Deseja liberdade
			Inteligente
		Simples e fazia o bem	
Curiosa			

Fonte: Banco de dados da pesquisa. Elaboração da autora.

No topo do quadro, com ocorrência em todos os livros da coleção, estão duas situações que demonstram como são representadas as princesas nas obras. O ato de salvar um homem, um príncipe em três dos quatro livros, e as relações de amizade estabelecidas entre os salvos e as princesas que os salvaram. Aparecendo em três livros, as qualidades

"aventureira" e "persistente" se mostram bastante recorrentes. A coragem, a insatisfação com normas sociais, a força física e o desejo por liberdade representam duas mulheres da coleção "A revolução das princesas". Ainda, adjetivando as protagonistas estão "inteligente", "curiosa" e "simples".

Procedendo dessa forma, percebi as características em comum entre as representações do gênero feminino nessa circunstância. Com base nessa análise, foram traçados paralelos e oposições entre o quadro comparativo referente aos contos contemporâneos apresentado anteriormente (quadro 2) e o quadro referente aos contos clássicos (quadro 1), de modo a tornar visível como opera a coleção para fazer a "revolução" na representação do feminino.

A partir dessas análises, percebi três mecanismos discursivos que são constantes nos livros e que revelam como os textos presentes nos livros propõem que as princesas assumam papéis femininos não estereotipados socialmente, fazendo "a revolução". Considerando que a narrativa tem como objetivo gerar determinados questionamentos a partir de qualidades pedagógicas que a literatura imprime em seu conteúdo, a subjetividade do sujeito que entra em contato com ela é influenciada diretamente (ANDRADE, 2016). Esses mecanismos que produzem princesas em determinadas representações socioculturais são: 1) a figura feminina representada como forte e corajosa; 2) a mulher como capaz de salvar e de atos heróicos; e 3) as relações de amizade com homens, opondo-se à culminância dessa relação em matrimônio. Esses três mecanismos identificados, portanto, constituem as unidades analíticas construídas e que serão apresentadas no capítulo 4.

Esses mecanismos dão corpo não apenas a um currículo cultural de gênero, mas também a uma pedagogia, por produzirem a força de aprendizagens que convocam os sujeitos a entrarem em um certo jogo de práticas sobre si mesmos (ELLSWORTH, 2005).

Na seção seguinte, apresento em detalhes o material empírico da pesquisa.

3.2 MATERIAL EMPÍRICO

Para que seja possível perceber os movimentos discursivos presentes na literatura infantil contemporânea que permitem questionar estereótipos de gênero e, mais especificamente, estereótipos de princesas provenientes de contos de fadas clássicos, o

material empírico surgiu a partir de uma busca por livros infantis que tivessem a intenção de provocar reflexões em torno das figuras das princesas. Pesquisas em acervos de livrarias e na *internet* evidenciaram a gama de literatura contemporânea que aborda princesas em seus conteúdos.

Nessa busca, coleção "A revolução das princesas" revelou-se como material potente para a análise pretendida ao apresentar releituras atuais de princesas, atendendo a determinadas demandas sociais contemporâneas, como igualdade de gênero, através de autoras e ilustradoras que repensaram os papéis da mulher nos contos de fadas. São colocadas em questão as representações imagéticas femininas e os traços de personalidade das mulheres. Além disso, é combatida a desigualdade de possibilidades para as mulheres, a obrigatoriedade de aprender determinadas normas sociais e de aspirar a um romance. As princesas são providas de habilidades e de opiniões, são fortes e corajosas. Por constantemente apresentar características que se opõem ao que era tomado como verdade pelos contos clássicos, considerou-se que a coleção é bastante emblemática e representa bem esses movimentos que estão ocorrendo em artefatos culturais como os livros de literatura infantil.

A coleção foi lançada no segundo semestre de 2018. Foi idealizada e produzida pela organização não governamental *Plan International Brasil*, em parceria com a agência de publicidade e propaganda *Young & Rubicam Brasil*. A *Plan International Brasil* faz parte de um projeto denominado *Plan International*, que atua em diversos países. Em 1937, ela foi fundada com o intuito de prestar apoio a crianças órfãs em decorrência da Guerra Civil Espanhola.

Em 1997, a *Plan* chegou ao Brasil, atendendo somente ao estado de Pernambuco. Em seu *site* internacional⁸, a organização apresenta o seu *slogan*: “*Advancing children's rights and equality for girls in over 75 countries*”⁹. Já o *site* brasileiro¹⁰ evidencia que a organização é “não-governamental, não-religiosa e apartidária que defende os direitos das crianças, adolescentes e jovens, com foco na promoção da igualdade de gênero” e foca em desenvolver “programas e projetos com o objetivo de capacitar e empoderar crianças,

⁸ <https://plan-international.org/>

⁹ Em tradução livre para o português, significa: “Promovendo direitos das crianças e igualdade para meninas em mais de 75 países”.

¹⁰ <https://plan.org.br/>

adolescentes e suas comunidades, para que adquiram competências e habilidades que os ajudem a transformar suas realidades”.

No Brasil, a *Plan* organiza diversas campanhas que abordam temáticas de gênero, como "Quanto custa a violência sexual contra meninas", "Contra a cultura de estupro" e o portal "Meninas Líderes" – com o objetivo de viabilizar o acesso a referências culturais femininas –, ou *#MeninasOcupam* – em incentivo à ocupação feminina em cargos de liderança. O desenvolvimento da coleção "A revolução das princesas" também faz parte dessa linha de campanhas em promoção da igualdade de gênero.

Os quatro livros da coleção foram escritos e ilustrados por mulheres reconhecidas como feministas. No quadro a seguir (quadro 3), são indicadas as informações referentes a cada um dos livros - as autoras e ilustradoras, o conto de fadas clássico que originou a releitura contemporânea e a autoria e ano de publicação do conto original.

QUADRO 3 – Correspondência entre livros da coleção "A revolução das princesas" e os contos de fadas clássicos

"A REVOLUÇÃO DAS PRINCESAS"	AUTORAS E ILUSTRADORAS	CONTO ORIGINAL	AUTORIA E ANO DE PUBLICAÇÃO DO CONTO ORIGINAL
"A revolução da Ariel"	Clara Averbuck e Lorena de Paula	<i>A Pequena Sereia</i>	Hans Cristian Andersen, 1837
"A revolução da Rapunzel"	Teca Machado e Lorena Giotri	<i>Petrosinella</i>	Giambattista Basile, 1637
"A revolução da Aurora"	Sebastiana Hoyer e Natália Lima	<i>Sol, Lua e Tália</i>	Giambattista Basile, 1634
"A revolução da Cinderela"	Thaís Lira e Suryara Bernardi	<i>Cinderela</i>	Charles Perrault, 1697

Fonte: Banco de dados da pesquisa. Elaboração da autora.

A seguir, o quadro 4 apresenta as capas dos livros da coleção e o resumo que apresenta cada história.

QUADRO 4 – Resumo de cada obra da coleção "A revolução das princesas"

CAPA DA OBRA	RESUMO DE APRESENTAÇÃO
	<p>Rapunzel deseja assumir o trono, porém não se conforma com os requisitos sociais que precisa preencher somente por ser mulher: aprender a fazer penteados, segurar xícaras de chá, usar vestidos, etc. Ao sair para uma cavalgada, encontra um príncipe preso em um moinho e precisa utilizar sua força e habilidades para ajudá-lo.</p>
	<p>Cinderela deseja ir ao baile não porque quer casar com o príncipe, mas porque adora dançar. Sua madrasta não permite e, então, aparece a fada madrinha, que propõe um desafio: salvar o príncipe para ir ao baile. Cinderela ganha uma carruagem, mas permanece com sua aparência, pois não precisa de roupas para sentir-se confiante.</p>
	<p>O príncipe cai em sono profundo, e a princesa precisa ajudá-lo. Como ele é seu melhor amigo, ela fica insegura e precisa da ajuda de fadas para recuperar sua coragem. Ela não desiste e persiste até encontrar uma maneira de salvá-lo.</p>
	<p>Ariel não aceita casar com um sereio para poder ser rainha dos mares. Quando vai à superfície refletir sobre essa questão, presencia uma tempestade e salva a vida de um humano.</p>

Fonte: Banco de dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Conforme descrição presente no site da coleção¹¹, o objetivo do projeto é “contribuir no desenvolvimento de uma geração acredita que a igualdade de gênero é um direito, mostrando para as meninas, desde cedo, o seu poder”. No sentido de evidenciar as estratégias utilizadas pelas autoras ao utilizarem as linguagens da literatura infantil como uma pedagogia para a igualdade de gênero, as análises desenvolvidas neste trabalho contemplaram três elementos que constituem a engrenagem dos discursos dos livros da coleção "A revolução das princesas", conforme já mencionado na seção anterior, as quais serão apresentadas no capítulo seguinte.

¹¹ <http://www.arevolucaodasprincesas.com.br/>

4 RASTREANDO UMA PEDAGOGIA CULTURAL: COMO AS PRINCESAS FAZEM REVOLUÇÃO?

Partindo do pressuposto de que a literatura infantil ensina sobre gênero e muitas outras coisas a partir das representações que constituem seus artefatos, elaborei o quadro a seguir como forma de rastrear os modos de operar de uma pedagogia cultural colocada em funcionamento pela coleção "A revolução das princesas" (quadro 5). No quadro, apresento o que detectei em relação a como cada princesa protagonista dos livros questiona estereótipos de gênero ao assumir posições que afirmam o poder feminino.

QUADRO 5 – Posições assumidas pelas princesas em cada um dos livros da coleção “A revolução das princesas”

ARIEL	AURORA	CINDERELA	RAPUNZEL
<ul style="list-style-type: none"> - Não quer assumir o trono; - Não quer casar com sereio; - Não concorda com as regras; - Detesta aula de culinária; - Quer tomar as próprias decisões; - Quer ter liberdade; - Assumiu o trono sem precisar casar; - Reinou com um conselho só de sereias. 	<ul style="list-style-type: none"> - É a melhor amiga do príncipe; - Sente tristeza e chora; - Sabe manejar uma espada; - Sente insegurança momentânea; - Confia nos próprios instintos. 	<ul style="list-style-type: none"> - É forte e corajosa; - É simples e faz o bem; - Ama dançar; - Não precisa de vestido e joias para se sentir segura; - É persistente. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quer ser rainha para fazer a diferença; - Quer ser uma boa líder; - É inteligente; - Aprendeu a lutar e caçar sozinha; - Não quer ter aulas de etiqueta; - Não quer prender os cabelos em penteados; - Tem o corpo forte, saudável e bonito; - Não quer roupas que escondam o corpo;

			- É habilidosa com tranças.
--	--	--	-----------------------------

Fonte: Banco de dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Os dados sistematizados no quadro 5 deram origem às seguintes unidades de análise, as quais propõem uma leitura de quais são as representações do feminino presentes nesses artefatos e que operam "a revolução" que dá nome à coleção: 1) ser corajosa e forte (seção 4.1); 2) salvar o príncipe (seção 4.2); e 3) amar sem ser obrigada a casar (seção 4.3).

4.1 SER CORAJOSA E FORTE

“A pessoa mais qualificada para liderar não é a pessoa fisicamente mais forte. É a mais inteligente, mais criativa, mais culta, a mais inovadora.”
(Chimamanda Adichie)



Figura 10 - Manuela D'Ávila no programa Roda Viva. Fonte: <https://www.metropoles.com/ponto-de-vista/roda-viva-x-manuela-davila-licao-de-como-nao-conversar-com-mulheres>

Com uma camiseta estampada com a frase “Lute como uma garota” (fig. 10), Manuela D'Ávila fez diversas aparições públicas enquanto concorria à vice-presidência do Brasil nas eleições de 2018. A frase, que se tornou uma espécie de *slogan* da candidata,

ajudou-a a conquistar tanto eleitores quanto críticos. Manuela inclusive vestiu a camiseta contendo a mensagem durante uma entrevista ao programa de televisão Roda Viva, quando, em seus momentos de fala, foi constantemente interrompida pelos entrevistadores. O acontecimento ganhou visibilidade na *internet* e foi classificado como machismo e ataque à candidata (fig. 11).



Figura 11 - Notícia em portal da internet sobre as interrupções à fala de Manuela no programa Roda Viva, de 2018. Fonte: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/eleicoes-2018/interrupcoes-a-manuela-no-roda-viva--ao-menos-40--geram-debate-sobre-machismo-dzpr5wa5dvnttf06pxhnjs13u/>

A frase “lute como uma garota” é um dos vários emblemas que têm representado o combate à desigualdade de gêneros. O pôster a seguir (fig. 12), com a frase “We can do it!”¹², por exemplo, é um dos símbolos feministas mais conhecidos para representar a força das mulheres. No entanto, ele foi criado por J. Howard Miller em 1943 para a fábrica *Westinghouse Electric Corporation*, nos Estados Unidos, durante um período de guerra, com o objetivo de atrair as mulheres para o trabalho nas fábricas, que necessitavam de mão de obra. No contexto contemporâneo, desconsidera-se a situação em que o pôster foi produzido e ressignifica-o para atender às demandas atuais.

¹² “Nós podemos fazer isso!”, em tradução livre para o português.



Figura 12 - Pôster “We can do it!”. Fonte: J. Howard Miller

Frases como a que estampa a camiseta de Manuela D'Ávila e o pôster da fábrica estadunidense que se tornou viral têm ganhado popularidade por representarem mensagens que afirmam o poder das mulheres sem a dependência do homem. Elas transmitem afirmações positivas que são facilmente assimiladas pelo público e reproduzidas pelas redes sociais. As mulheres sentem a necessidade de declarar sua força em camisetas, *bottons*, *posts* na *internet*, entre outros, para afirmar que estão cientes de suas potencialidades e convidar outras mulheres a pensar sobre as desigualdades culturais sofridas pelo gênero feminino. Assim, cria-se uma rede de discursos que são lidos como "empoderadores" por pretenderem gerar ações de autonomia e força por parte das mulheres.

As mulheres têm conquistado seus espaços em diversos núcleos sociais. É constante percebermos na mídia as notícias de mulheres alcançando espaços e realizando feitos pela primeira vez. Como exemplo, a jornalista e diplomata russa Tatiana Valovaya foi a primeira mulher nomeada para dirigir a sede da ONU em Genebra¹³. Outro caso é o de Fernanda Dantas, primeira mulher a conquistar a patente de tenente-coronel, cargo de autoridade na Polícia Militar do estado da Bahia¹⁴. Também tem sido noticiado nos últimos tempos o reconhecimento de ações de prestígio praticadas por mulheres, como é o caso de Francielly Rodrigues Barbosa, de 18 anos, que foi a vencedora de diversos prêmios ao desenvolver tijolos produzidos a partir de caroço de açaí¹⁵, alternativa de solução para um dos problemas ambientais de sua cidade, no Pará. Outro exemplo de conquistas noticiadas, também

¹³ Fonte: <https://istoe.com.br/russa-e-primeira-mulher-nomeada-para-dirigir-sede-da-onu-em-genebra/> Acesso em: 05 jun. 2019.

¹⁴ Fonte: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/05/23/apos-quase-dois-seculos-de-existencia-pm-da-ba-tem-1a-mulher-promovida-a-tenente-coronel-muito-significativo.ghtml> Acesso em: 05 jun. 2019.

¹⁵ Fonte: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2019/05/paraense-de-18-anos-tem-mais-de-15-premios-por-criar-tijolo-de-caroco-de-acai.html> Acesso em: 05 jun. 2019.

científicas, é a brasileira Rosaly Lopes, que trabalha para a NASA – agência espacial dos EUA –, pesquisando vulcões em luas e possibilidades de vida em outros planetas¹⁶.

Apesar de todas as desigualdades de oportunidades relacionadas ao gênero feminino, essas mulheres conseguiram conquistar seus espaços na sociedade. A visibilidade obtida pelas vitórias dessas mulheres é exemplo de como certos discursos são importantes para que mais mulheres possam reconhecer suas potencialidades e possam inspirar-se em figuras femininas. Nesse sentido de trazer exemplos de mulheres fortes, corajosas e inspiradoras, uma escola pública no Mato Grosso do Sul, teve seus muros pintados por alunas com imagens de mulheres¹⁷. A jogadora de futebol Marta, Frida Khalo, Marielle Franco e Malala Yousafzai são alguns dos exemplos femininos presentes na fachada da escola. Malala, em seu pronunciamento na ONU em 2013, meses após a tentativa de assassinato, trouxe um a força e a coragem como discurso de incentivo para os jovens: "Os terroristas pensaram que eles mudariam meus objetivos e interromperiam minhas ambições, mas nada mudou na vida, com exceção disto: fraqueza, medo e falta de esperança morreram. Força, coragem e fervor nasceram".

Tendo em vista a disparidade entre o feminino e o masculino que ainda ocorre socialmente, as mulheres têm sido narradas por discursos que agora as representam em oposição aos estereótipos de fraqueza e inércia. Assim como nas histórias e exemplos reais apresentados, os livros para crianças da coleção "A revolução das princesas" visam combater intensamente esses estereótipos. Cada um dos livros apresenta princesas com características que representam força física e psicológica e coragem em diferentes contextos.

No livro "A revolução de Ariel", a sereia protagonista enfrenta uma tempestade forte para ajudar um humano que se afoga, carregando-o até a praia, o que sugere coragem e força física (fig. 13).

¹⁶ Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-45947502> Acesso em: 05 jun. 2019.

¹⁷ Fonte: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/em-escola-estadual-fachada-agora-exibe-mulheres-fortes-desenhadas-por-alunas> Acesso em: 05 jun. 2019.

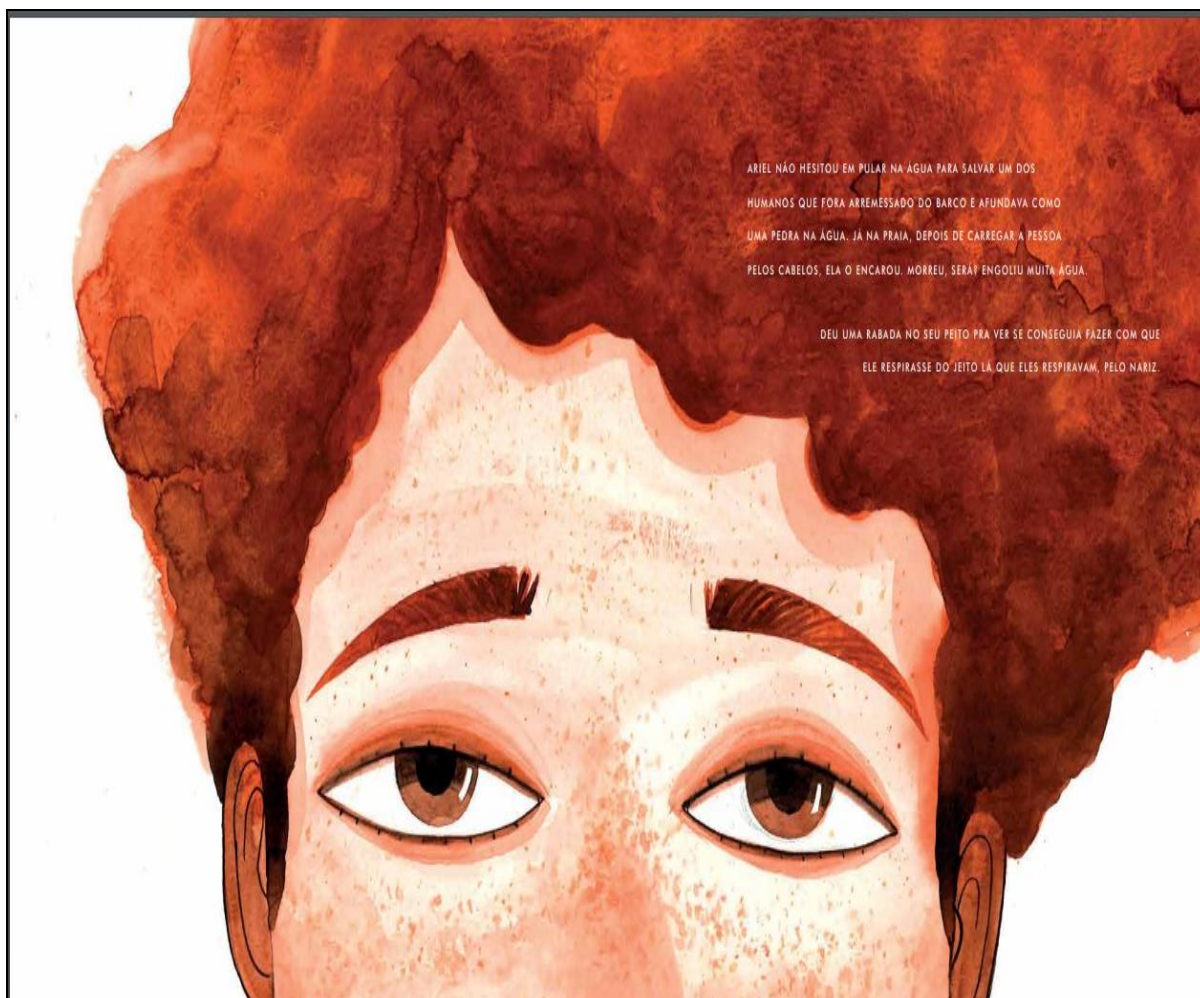


Figura 13 - Página do livro “A revolução da Ariel”: salvamento do príncipe. Fonte: AVERBUCK (2018, s.p.)

Em "A revolução de Cinderela", ocorrem diversas menções a essas mesmas características. Já no início da narrativa, a princesa é descrita como “uma menina muito forte e corajosa, chamada Cinderela”¹⁸. Logo após, quando a princesa é proibida de ir ao baile por sua madrasta, ela é caracterizada como forte mais uma vez: “Chateada, Cinderela engoliu o choro, foi forte e saiu pela floresta”. Quando a fada madrinha diz que ela precisa cumprir o desafio de salvar o príncipe para ir à festa, novamente aparece essa enunciação: “Cinderela ficou empolgada. Respirou fundo, usou toda a sua força e coragem, levantou e ouviu atentamente”. Uma quarta menção à força da personagem é feita quando ela quase desiste ao não encontrar o príncipe: “Ela quase desistiu. Mas Cinderela é forte e não desiste” (fig. 14).

¹⁸ Os livros da coleção não apresentam numeração das páginas.

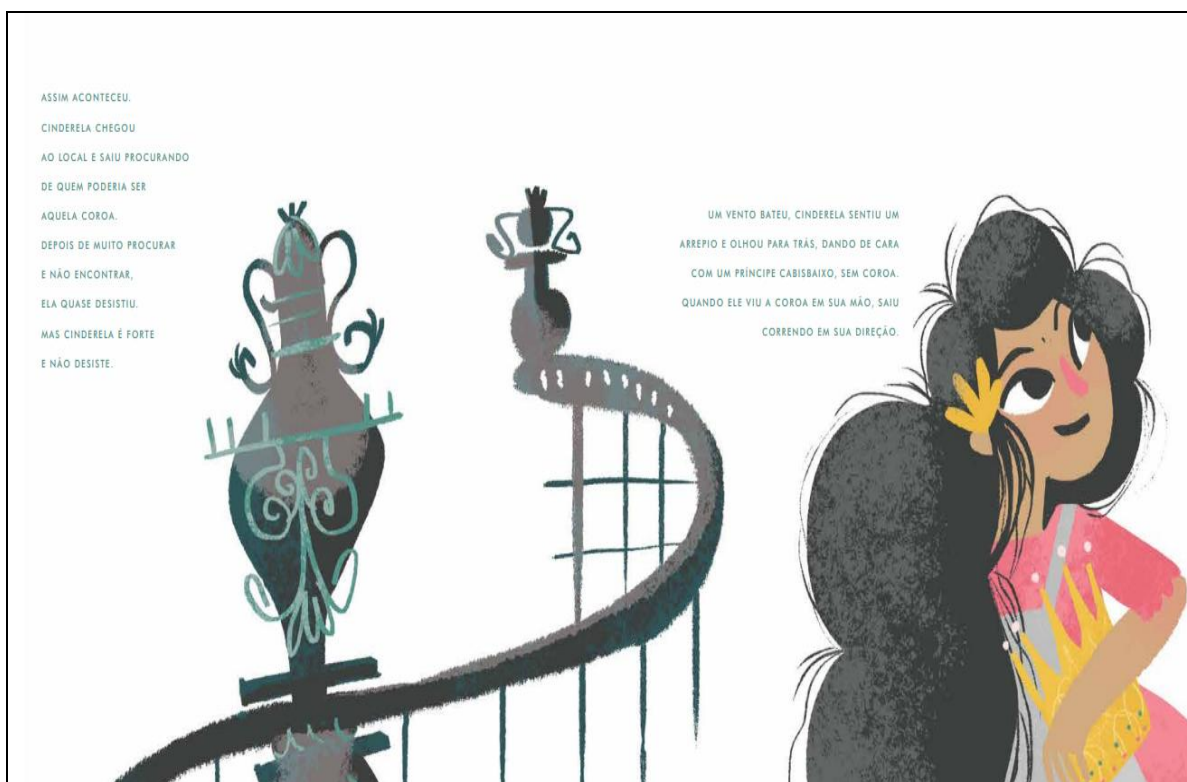


Figura 14 - Página do livro “A revolução da Cinderela”: Cinderela não desiste. Fonte: LIRA (2018, s.p.)

Em "A revolução da Aurora", o melhor amigo da princesa é amaldiçoado e ela precisa ajudá-lo. Não encontrando solução para o problema, a personagem começa a sentir-se insegura e suas amigas fadas decidem intervir (fig. 15):

‘Princesa, por que desconfia da sua própria força? Você encarou exércitos e venceu batalhas, trouxe para casa honra e glória, tudo porque confiou nos seus instintos. E, quando lhe disseram que não podia tal feito, pegou sua coragem e provou que todos estavam errados’. A princesa não sabia ao certo como reagir, mas decidiu pensar a respeito. Começou a lembrar de todos os desafios que passara até ali. Valentia era o que não lhe faltava, pelo contrário, tinha de sobra (HOYER, 2018, s.p.).

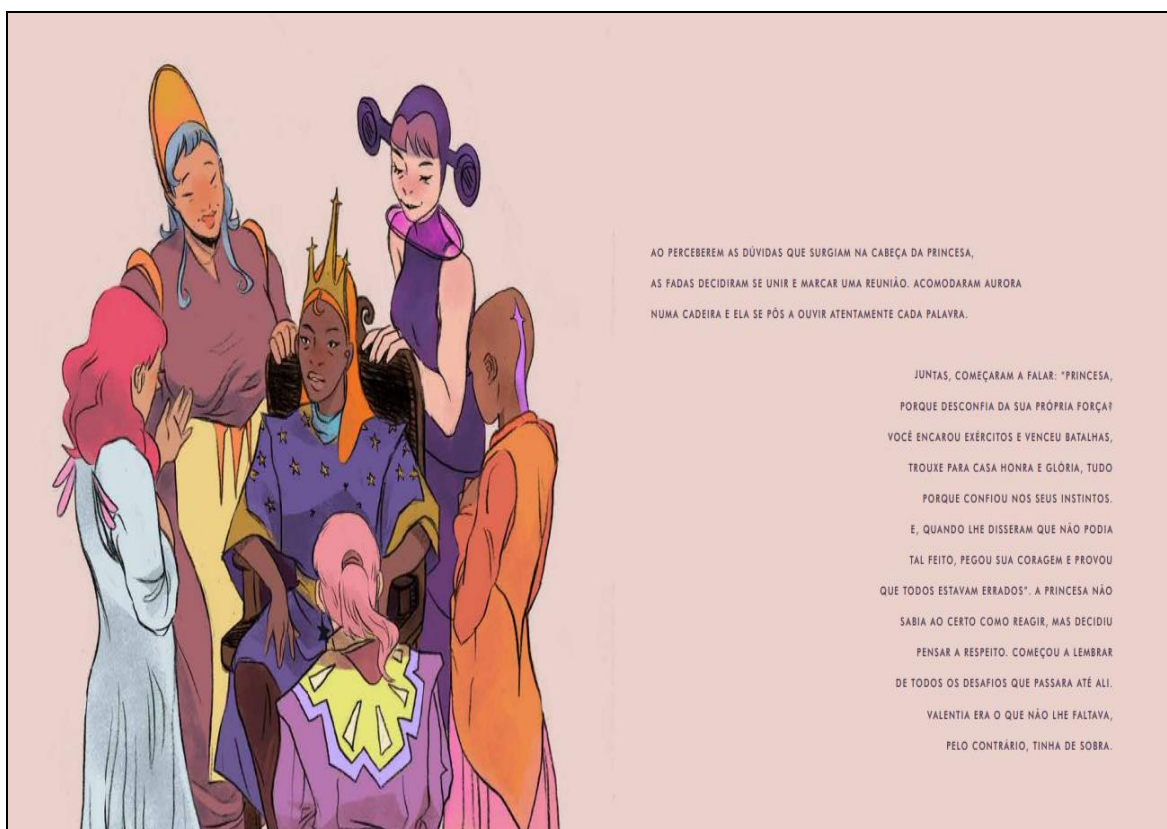


Figura 15 - Página do livro “A revolução da Aurora”: fadas aconselham Aurora. Fonte: HOYER (2018, s.p.)

Após a conversa, a princesa voltou a ter segurança e coragem, o que altera a narrativa e resulta em diversas tentativas de reverter a situação do príncipe, seu amigo. Em uma delas, Aurora usa sua força física e psicológica para escalar (fig. 16):

Mesmo com os joelhos feridos e o corpo cansado, não desistiu e, quando o sol começou a se pôr, alcançou o topo da cerca. Mas descer não era mais fácil do que subir, portanto, tinha que se manter firme e forte. (HOYER, 2018, s.p.)

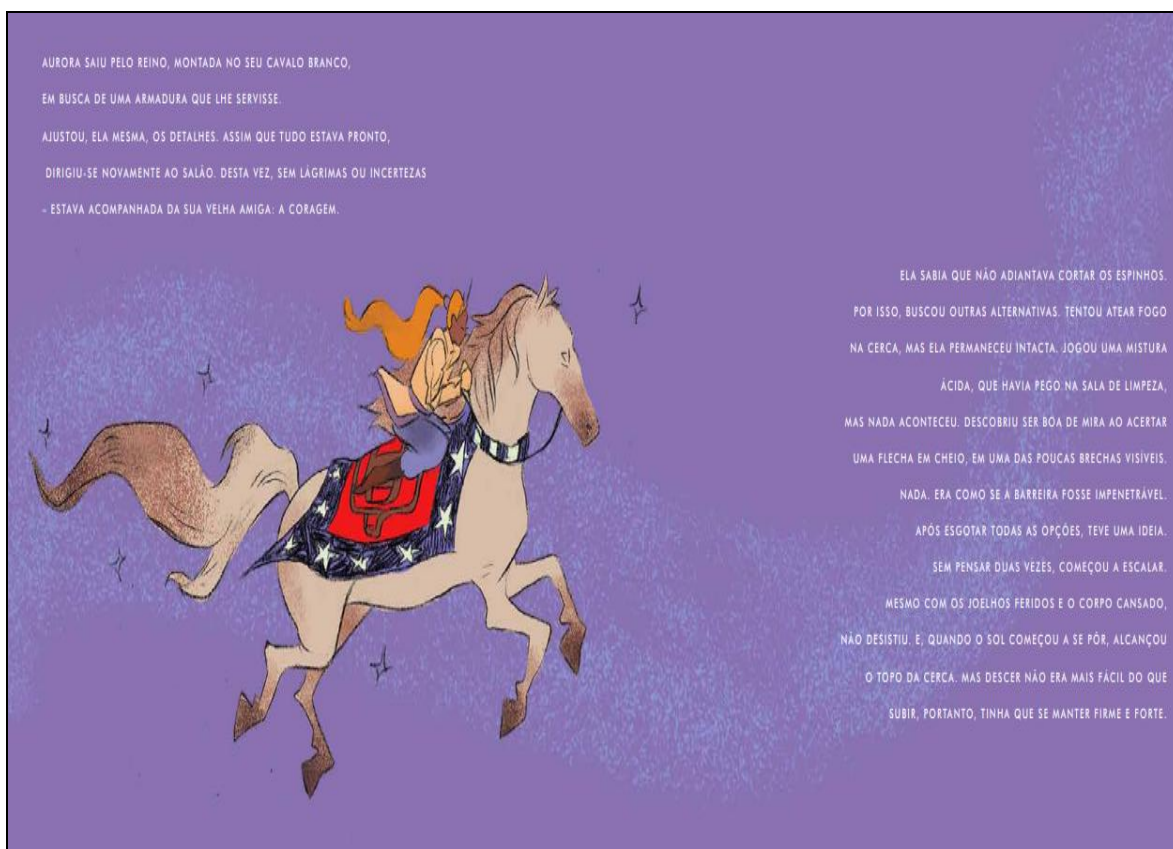


Figura 16 - Página do livro “A revolução da Aurora”: princesa retoma a coragem. Fonte: HOYER (2018, s.p.)

No final da história, após conseguir salvar o príncipe, é reafirmada superação das dificuldades enfrentadas através e características como a força, a determinação e a segurança:

Aurora lembrou naquele instante o quanto era forte, segura de si, e determinada. Ao reunir essa força pura e verdadeira, descobriu ser capaz de ultrapassar qualquer barreira, de conseguir o que quisesse. (HOYER, 2018, s.p.)

De acordo com o quadro de características das princesas dos contos de fadas clássicos, apresentado no segundo capítulo, os adjetivos utilizados com maior frequência para descrever as princesas eram em relação à beleza, curiosidade, doçura, paciência e habilidades como saber dançar ou cantar. No contexto histórico, esses eram os traços

valorizados nas figuras femininas. Diferentemente, as princesas da coleção analisadas são definidas como confiantes, seguras, determinadas e fortes.

Nas ilustrações dos livros da coleção, também é visível a preocupação em representar de forma diversa as mulheres, havendo princesas negras, com cabelos cacheados, ruivas, que usam óculos e que não são magras, o que difere da representação usual de princesas em padrão europeu.

Foucault (2007) aponta que é através das operações de hierarquia de discursos, produzidos a partir de disputas de poder, que determinados discursos são naturalizados. Louro (1997, p. 63) destaca que "as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como 'natural'". Nesse sentido, a coleção analisada desconfia a todo instante das naturalizações comumente associadas ao gênero feminino.

Hall (1997) afirma que, através da linguagem, são produzidas representações, e a linguagem utilizada nas narrativas da coleção evidencia a intenção das autoras em transgredir as naturalizações. Tendo em vista que nos contos clássicos as princesas eram narradas como frágeis, os livros contemporâneos pretendem justamente representar o oposto: princesas fortes e corajosas. Assim, esses discursos reforçam representações que convocam mulheres a assumir esses papéis em sociedade.

4.2 SALVAR O PRÍNCIPE

"Porque você é menina nunca é razão para nada."

(Chimamanda Adichie)

Em fevereiro de 2019, após um acidente de helicóptero ocorrer em São Paulo, Leiliane Rafael da Silva ganhou visibilidade por ajudar um homem a sair das ferragens de um caminhão que havia sido atingido pela aeronave que transportava o jornalista Ricardo Boechat – falecido no acidente. Ela, percebendo que o motorista ainda estava vivo, quebrou o vidro do veículo com um capacete e utilizou uma faca para cortar o cinto de segurança que o prendia. Leiliane salvou a vida do motorista de caminhão. A imagem a seguir (fig. 17) alastrou-se pela *internet* por representar a coragem e a força de Leiliane, assim como por

retratar também um homem somente observando e filmando a situação, sem oferecer ajuda à mulher.

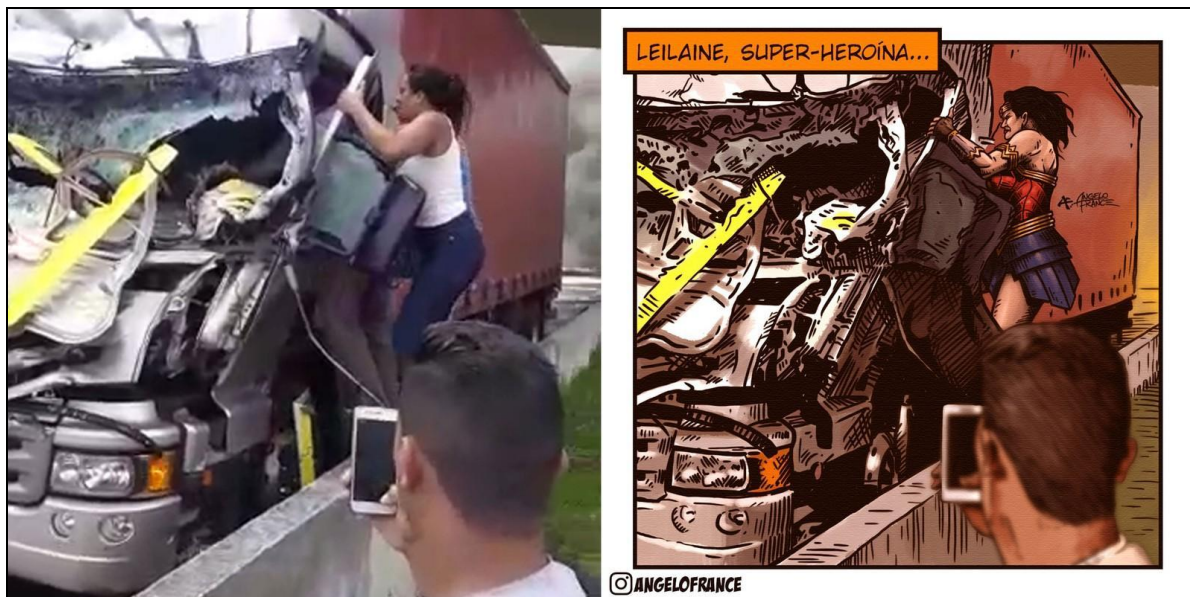


Figura 17 - HQ “Leiliane, super-heroína”. Fonte: Ilustrador Angelo France.

Em outro acontecimento recente, em março de 2019, Jully Oliveira presenciou um motorista agredindo duas mulheres, mãe e filha, com socos e chutes. Jully exigiu que o homem parasse o carro e conseguiu contê-lo, imobilizando-o. Ela ainda ajudou uma das mulheres, carregando-a, pois essa não conseguia caminhar devido à agressão sofrida. Segundo o relato de Jully, diversos homens assistiram o acontecimento sem que ajudassem mãe e filha.



Figura 18 - Notícia: mulher salva mãe e filha de espancamento. Fonte: <https://www.hypeness.com.br/2019/03/modelo-imobiliza-motorista-de-app-e-salva-mae-e-filha-de-espancamento/>

Cenas e relatos como esses, de mulheres protagonizando papéis heróicos, como Leiliane e Jully, cada vez mais ganham visibilidade nas mídias. Não por acaso, esse tipo de notícia atualmente gera engajamento nas redes pelo público que se identifica com essa posição de mulher forte e também pelo público conservador, que com frequência busca falhas no que é narrado para fazer ruir essa representação. Nesses casos, há uma subversão do estereótipo do homem como o herói, como o que salva.

Segundo Duschatzky e Skliar (2000), esse estereótipo é produzido através de relações de poder entre os gêneros e a partir da constância da aparição social da representação e da visibilidade que lhe é atribuída nas circunstâncias sociais. Esse contexto em que a mulher altera as representações que são socialmente frequentes produz ações e reações vinculadas a ele (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2000). Em cada um dos livros da coleção são produzidas e reproduzidas representações de mulheres que também podem salvar homens, reforçando e legitimando esse discurso.

No conto original de Charles Perrault, Cinderela precisa ir embora do baile antes da meia-noite e deixa para trás o seu sapato de cristal. No enredo da história, é esse o fato que faz com que o príncipe vá procurá-la, o que culmina em a protagonista ser retirada de seu contexto de infelicidade - a casa de sua madrasta - ao casar-se com o príncipe. Na releitura "A revolução da Cinderela", o príncipe perde sua coroa favorita, e Cinderela recebe da fada madrinha a missão de encontrá-la e devolvê-la ao dono (fig. 19). A personagem surpreende-se, questionando:

- Hoje você terá uma grande missão. Você precisa salvar o príncipe.
 - Salvar o príncipe? Mas não são príncipes que salvam princesas?
 - Não. Princesas também salvam príncipes.
- (LIRA, 2018, s.p.)

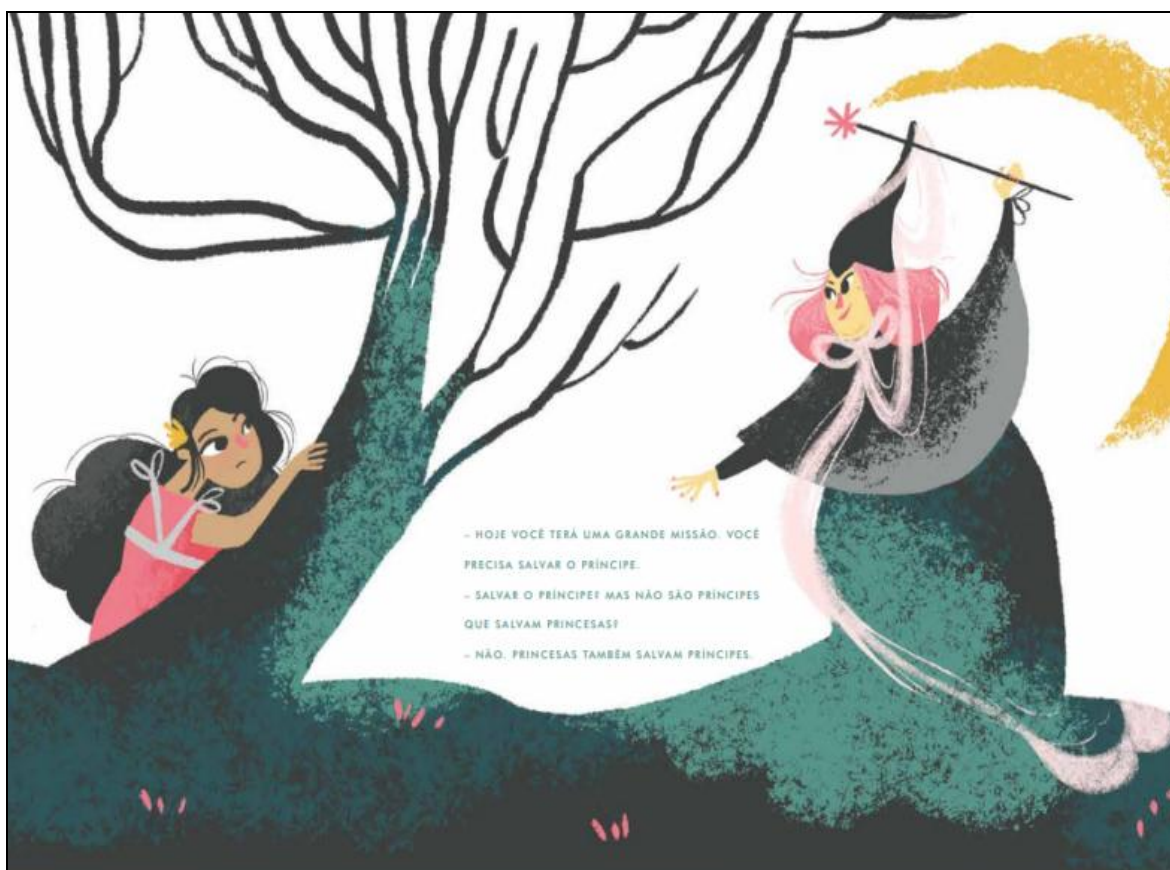


Figura 19 - Página do livro “A revolução da Cinderela”: fada madrinha indica missão para Cinderela.
Fonte: LIRA (2018, s.p.)

Em “Sol, Lua e Tália”, a protagonista cai desacordada após uma farpa de linho entrar em seu dedo. Seu pai a deixa em um castelo no bosque. A princesa é estuprada por um rei que passa pelo local, enquanto está em sono profundo:

O rei, acreditando que ela dormia, chamou-a. Mas, como ela não voltava a si por mais que fizesse e gritasse, e, ao mesmo tempo, tendo ficado excitado por aquela beleza, carregou-a

para um leito e colheu dela os frutos do amor, e, deixando-a estendida, voltou ao seu reino, onde por um longo tempo não se recordou mais daquele assunto. (BASILE, 1634, s.p.)

Nessa versão original, a ação do rei é positiva, pois culmina na salvação de Tália. Isso porque o estupro gera uma gravidez e, após o nascimento, o filho faz com que Tália acorde de seu período adormecida, sugando a farpa de seu dedo à procura de leite. No final do conto, a princesa e o rei se casam.

Já na releitura realizada em "A revolução da Aurora", a princesa é a melhor amiga do príncipe. Esse cai em um sono profundo, que deveria durar 100 anos, quando é amaldiçoado por uma fada que, por descuido do mensageiro, não é convidada para a festa de aniversário e posse do trono do príncipe. Após diversas dificuldades, Aurora consegue salvá-lo da maldição com uma lágrima de amizade verdadeira (fig. 20). Neste caso, o príncipe está em uma situação de vulnerabilidade e depende da princesa para ajudá-lo, fazendo oposição direta ao conto de 1634.

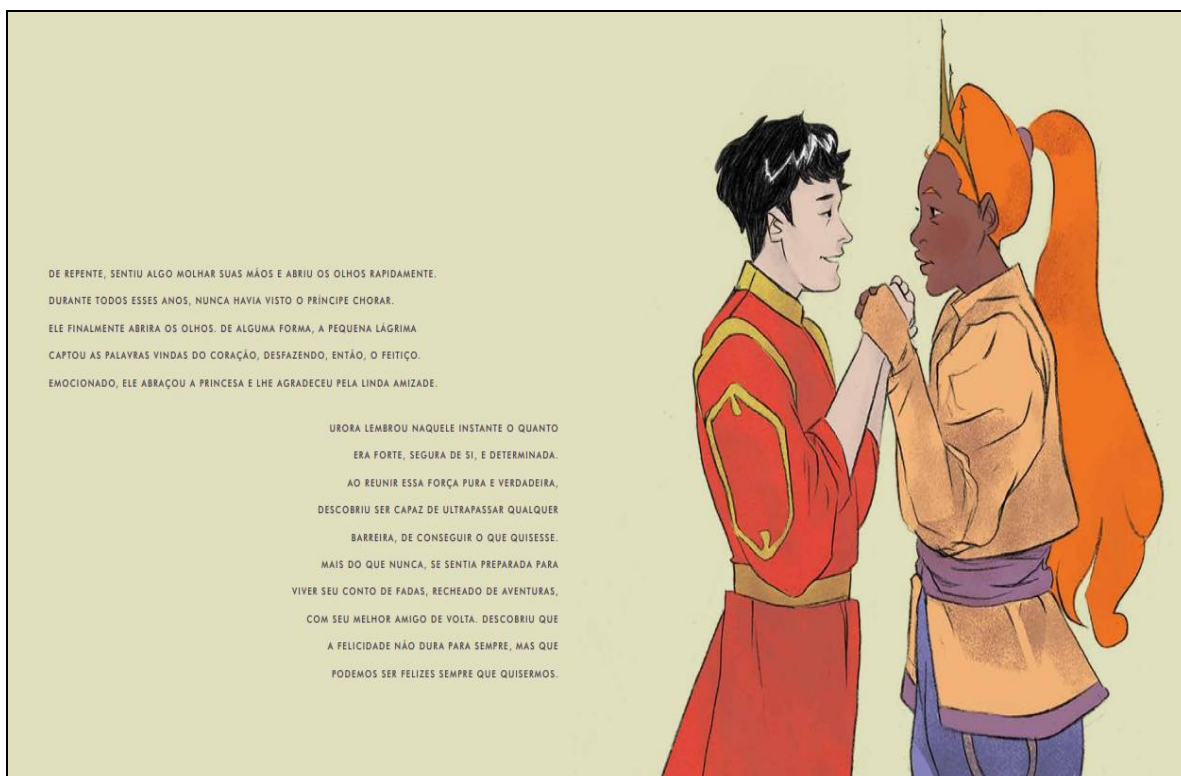


Figura 20 - Página do livro "A revolução de Aurora": Aurora salva o príncipe. Fonte: HOYER (2018, s.p.)

Em “Petrosinella”, a princesa é presa em uma torre por uma ogra após sua mãe ter roubado salsa de sua horta quando estava grávida. Através da pequena janela de sua torre, ela conhece um príncipe, e eles começam um romance. Petrosinella é salva da torre pelo príncipe, e eles conseguem se casar. Já na história da coleção em análise, Rapunzel está passeando chateada após uma discussão com seus pais quando encontra um príncipe preso em um moinho (fig. 22). Ela usa suas habilidades para construir uma corda e o salva. Assim, ele pôde casar-se com a mulher que amava.

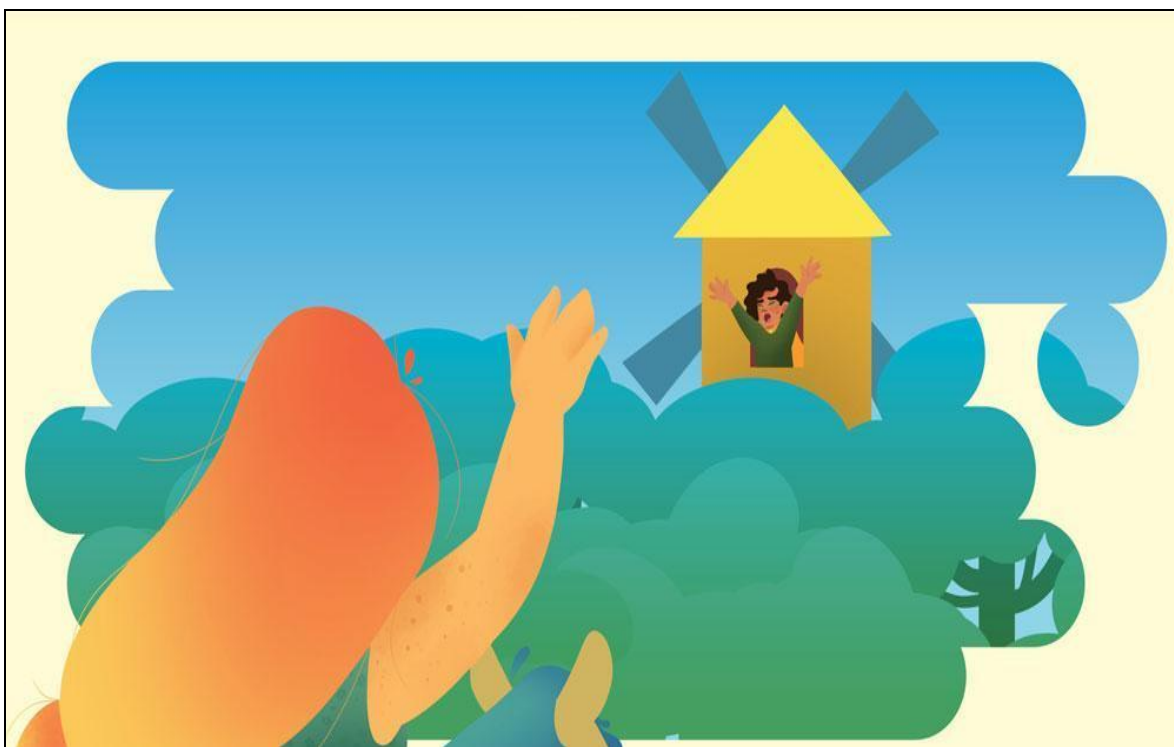


Figura 22 - Página do livro “A revolução da Rapunzel”: príncipe preso no moinho. Fonte: MACHADO (2018, s.p.)

As duas versões de Ariel são as que mais se assemelham, tendo em vista que tanto no conto de fadas original quanto no contemporâneo, a protagonista salva a vida de um homem. Porém, o que ocorre após esse fato é totalmente distinto. No conto “A pequena sereia”, a menina salva um príncipe de um afogamento, apaixona-se por ele e faz de tudo para ser correspondida; inclusive, perde sua voz e vive constantemente sofrendo de dores agudas nos pés. No final da história, ela escolhe morrer para salvar a vida do príncipe novamente. Já em “A revolução de Ariel”, a sereia também salva um homem ao carregá-lo após um naufrágio, mas, ao invés de ocorrer um interesse romântico, eles criam laços de amizade.

Ariel, coincidentemente, está perto do local de um naufrágio e carrega um homem até a beira da praia, salvando sua vida. Aurora precisa ajudar seu melhor amigo, um príncipe que sofre um feitiço e está em sono profundo, preso em uma rede de espinhos. Cinderela encontra e devolve para o príncipe a coroa que era de seu avô, e Rapunzel salva um príncipe preso em um moinho, criando laços de amizade entre seus dois reinos. Assim, a coleção engendra uma inversão da norma produzida pelo estereótipo do homem representado como salvador da mulher em situação de fragilidade.

Conforme Louro (2009, p. 91):

A norma pode e é subvertida. Todos os dias, em todos os espaços, homens e mulheres a desafiam. Alguns sujeitos embaralham códigos de gênero ou atravessam suas fronteiras; outros articulam de formas distintas sexogênero-sexualidade; outros ainda criticam a norma através da paródia ou da ironia.

A ideia de que somente um homem pode salvar uma mulher é vista, muitas vezes, pelo senso comum como um fato natural, sendo justificado por fatores biológicos. Na perspectiva dos estudos culturais em educação, segundo Stuart Hall (1997), são fatores e fenômenos discursivos que determinam o senso comum. Pelo que foi analisado nesta seção, a coleção coloca em funcionamento outro modo de representar as princesas clássicas, deslocando o homem da função de salvador e atribuindo esse papel à mulher. Nesse sentido, a coleção exerce uma pedagogia que intenta ensinar meninas a assumirem posições de sujeito que confrontem uma posição masculina dominante em sociedade.

4.3 AMAR SEM SER OBRIGADA A CASAR

"Casamento não é uma realização. Não é algo a se aspirar."

(Chimamanda Adichie)

Além da idealização do homem como o que salva princesas, todos os contos clássicos têm outro fator em comum: culminam em casamento. Assim, a literatura reflete a idealização do matrimônio e o posiciona como meta a ser atingida. A “salvação” das princesas nos contos originais sempre está ligada a um homem e ao casamento. No livro “Sejamos todos feministas”, Chimamanda Ngozi Adiche (2014, p. 32) questiona: “Por que ensinamos as meninas a aspirar ao casamento, mas não fazemos o mesmo com os

meninos?”. Em “Para educar crianças feministas”, a mesma autora (ADICHE, 2017) desaprova a ideia do matrimônio como uma realização pessoal, apontando que as crianças, principalmente as meninas, precisam entrar em contato com representações de mulheres que questionem o casamento como um prêmio.

Um exemplo dessa representação é a protagonista de "A revolução de Ariel", que inicia a narrativa descontente com a ideia de casar com um sereio para ser a rainha:

Sabia que, se ficasse ali, teria que casar com algum “sereio” com algum título que nada significava para ela, assumir a realeza e um papel chatíssimo de tomar decisões pelos outros e seguir uma série de regras com as quais ela não concordava. (AVERBUCK, 2018, s.p.)

No desfecho da história, a princesa consegue alcançar seus objetivos (fig. 23):

Atingindo a maturidade e a idade adulta, assumiu o trono dos mares sem precisar casar com ninguém e reinou feliz e plena com um conselho só de sereias. (AVERBUCK, 2018, s.p.)



Figura 23 - Página do livro “A revolução da Ariel”: Ariel socorre homem na tempestade. Fonte: AVERBUCK (2018, s.p.)

É interessante a menção ao governo da protagonista da história ser realizado com um conselho formado apenas por sereias, tendo em vista que movimentos feministas contemporâneos vêm denunciando as dificuldades de inserção de mulheres em cargos de liderança, os quais costumam ser ocupados majoritariamente por homens e com grande diferença salarial¹⁹.

Outro aspecto visível na análise dos livros da coleção se refere às relações de afeto e de amizade presentes, antes ou depois do ato de heroísmo por parte das princesas. Essas relações de amizade acabam por substituir as de amor romântico apresentadas nos contos originais. No conto clássico “Petrosinella”, a história culmina no casamento, que representa o final feliz para a princesa. Já na obra "A revolução de Rapunzel", ocorre o casamento do príncipe com outra mulher. O final feliz, nesse caso, é representado por uma amizade e pela felicidade dos dois personagens: o príncipe casado com a mulher que amava, e a princesa satisfeita com a união dos reinos, tendo em vista que ela aspira ser uma boa governante.

Em duas das quatro obras da coleção, ocorre, inclusive, a afirmação da rejeição da ideia do casamento, como já apontado no caso de Ariel. Na releitura da obra "Cinderela", aparece a seguinte narrativa:

No dia em que o comunicado do baile foi entregue em sua casa, cinderela ficou muito animada. Não, ela não queria ser esposa do príncipe, nem pensava naquilo. Mas amava festas, luzes, dança e sempre ouviu que as festas no castelo eram assim. (LIRA, 2018, s.p.)

Os discursos presentes nas obras em torno do matrimônio têm clara intenção de educar o leitor ou leitora sobre a posição das autoras de que o casamento não deve ter relação com realizações pessoais ou conquistas. Assim, os livros fazem o movimento que Louro (1997, p. 82) aponta como necessário: “[...] encontrar pessoas, livros ou situações que lhes mostrem outras mulheres que ousaram transgredir a normalização do gênero para ‘construir novos desejos e novos estilos’”. O estereótipo reforçado pelas princesas clássicas apresenta o matrimônio relacionado a finais felizes; no entanto, muitas mulheres educadas nessa cultura que idealiza o matrimônio e a dependência do homem vivem em relações abusivas e sofrem violência doméstica. É no cenário de visibilidade cada vez mais frequente

¹⁹ A esse respeito, ver, por exemplo: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/03/mulher-em-cargo-de-chefia-chega-a-ganhar-um-terco-do-salario-de-um-homem.shtml> Acesso em: 06 jun. 2019.

desses casos de violência que se opera essa pedagogia cultural para educar meninas que busquem afirmação pessoal sem depender de um casamento para que isso aconteça.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu da seguinte problemática: como se constituem representações do feminino na coleção de livros de literatura infantil "A revolução das princesas"? A partir desse horizonte, os resultados foram organizados em três unidades analíticas, as quais apontaram que as princesas nos quatro livros da coleção são representadas de três formas que rompem com a representação das princesas clássicas:

- 1) elas são corajosas e fortes;
- 2) elas salvam os príncipes;
- 3) elas são livres para amar sem casar ao final da história.

Essas foram as três principais operações discursivas que configuram a coleção como um artefato com finalidade explícita de constituir-se como uma pedagogia cultural para educar meninas para a igualdade de gêneros, tirando o feminino da representação usual de subserviência à representação do masculino. Ao fazer esse deslocamento de sentidos do que representa ser homem e ser mulher socialmente, essas pedagogias culturais de gênero entram no jogo de luta pelo enfraquecimento dos estereótipos.

É de extrema importância que as personagens femininas nos livros para crianças sejam pensadas de modo que vá contra o sexismo e que promova a igualdade de gêneros, ampliando, assim, o repertório das crianças a respeito do que é ser mulher. É imprescindível que as crianças percebam que as mulheres são diversas e devem ter possibilidades de escolhas igualitárias nos diferentes espaços sociais.

Como aponta Adiche (2014), atualmente, ainda há muitos resquícios desses discursos que legitimam a desigualdade do feminino em relação ao masculino presentes e é preciso que haja, no âmbito sociocultural, o movimento de legitimar discursos que afirmem outras posições de sujeito para além dos estereótipos.

REFERÊNCIAS

ADICHE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ADICHE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ANDRADE, Paula Deporte de. **Pedagogias culturais: uma cartografia das (re)invenções do conceito**. Porto Alegre, 2016. 210 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2016.

ARGÜELLO, Zandra Elisa. **Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil**. Porto Alegre, 2005. 193 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2005.

AVERBUCK, Clara. **A revolução da Ariel**. São Paulo: Plan International Brasil, 2018.

CANTON, Katia. **E o príncipe dançou... o conto de fadas: da tradição oral à dança contemporânea**. São Paulo: Ática, 1994.

DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. Os nomes dos outros: reflexões sobre os usos escolares da diversidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre. v. 25, n. 2, p. 163-177, jul/dez. 2000.

ELLSWORTH, Elizabeth. **Places of learning: media, architecture and pedagogy**. New York: Routledge, 2005.

FERREIRA, Maurício dos Santos; TRAVERSINI, Clarice Salete. A análise foucaultiana do discurso como ferramenta metodológica de pesquisa. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n.1, p. 207-226, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15ª ed. São Paulo: Loyola, 2007.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.

HOYER, Sebastiana. **A revolução da Aurora**. São Paulo: Plan International Brasil, 2018.

KENIGER, Ana Carolina Fetzner. **Por que falar sobre mulheres extraordinárias na escola?** Exercícios propositivos para uma educação feminista. Porto Alegre, 2018. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

LIRA, Thaís. **A revolução de Cinderela**. São Paulo: Plan International Brasil, 2018.
LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, p. 99-108, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento. In: LOPES, Denílson *et al.* (Orgs.). **Imagem e diversidade sexual**: estudos de homocultura. Brasília: Nojosa, 2004. P. 23-28.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. P. 85-93.

MACHADO, Teca. **A revolução da Rapunzel**. São Paulo: Plan International Brasil, 2018.

MORAES, Ana Luiza Coiro. A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas. **Questões Transversais**, São Leopoldo, v. 4, n. 7, p. 28-36, 2016.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A; GROSSBERG, Lawrence. Estudo Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009. P. 07-38.

PIRES, Suyan Maria Ferreira. **Histórias de amor para sempre, histórias de amor para nunca mais**: o amor romântico na literatura infantil. Porto Alegre, 2009. 176 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 4-21, 2001.

VARELA, Julia; ÁLVAREZ-URÍA, Fernando. **A maquinaria escolar**. Teoria & Educação, Porto Alegre, n. 6, p. 68-96, 1992.

VIDAL, Fernanda Fornari. **Príncipes, princesas, sapos, bruxas e fadas**: os "novos contos de fada" ensinando sobre relações de gênero e sexualidade na contemporaneidade. Porto Alegre, 2008. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. **Princesas:** produção de subjetividade feminina no imaginário de consumo. Porto Alegre, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2000.

ZUMAÊTA, Leticia Oliveira. **Representação feminina em contos de fadas:** uma análise das personagens de três histórias infantis e suas adaptações. Salvador, 2016. 81f. Trabalho de Conclusão de Curso - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.